

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0028978



C.

A COMUNIDADE DAS NAÇÕES BRITÂNICAS ILUSTRADA

CANADÁ

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
End. Avenida Rio Branco nº. 219/30,
Edifício da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

COMISSÃO ORGANIZADORA DA EDIÇÃO
DOROTHY WELLESLEY LORD DAVID CECIL
WALTER JAMES TURNER

=*

TRADUÇÃO DE GERALDO CAVALCANTI

CANADÁ

LADY TWEEDSMUIR

Com
doze gravuras em cores
e trinta e duas ilustrações em preto e branco

971
T97.j.8

A Comissão Organizadora desta edição manifesta sua profunda gratidão a todos que bondosamente auxiliaram na escolha das ilustrações e apresenta agradecimentos especiais aos funcionários dos diversos Museus, Bibliotecas e Galerias e a todas as outras pessoas que tiveram a generosidade de permitir a reprodução de quadros e gravuras.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Rua do Ouvidor, 110
RIO DE JANEIRO

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

GRAVURAS EM CORES

VISTA DA TOMADA DE QUEBEC, EM 13 DE SETEMBRO DE 1759

Gravura em cores, *circa* 1790

O CABO DOS DIAMANTES E O COVIL DO LOBO, VISTOS DE POINT A PIZEAU
Gravura a aguaforte, por C. Hunt, segundo um desenho do Tenente-Coronel Cockburn

INTERIOR DO FORTE GARRY, *circa* 1850

Winnipeg, Manitoba

Cromo de H. A. Strong

UMA VISTA DE MONTREAL, 1850

Pintura a óleo sobre papier maché, produzida por Jennens & Bettridge

ESQUIMÓS NOS SEUS CAYAKS, ATACANDO UMA EMBARCAÇÃO INGLESA

Aquarela atribuída a John White

UM PIQUENIQUE EM MONTMORENCI

De uma coleção de seis litografias em cores, por C. Krieghoff

VISTA DE SÃO JOÃO, EM NOVA BRUNSWICK, 1851

Litografia em cores segundo J. W. Hill, por N. Sarony

INVERNO NO GATTINEAU

Provincia de Quebec

Crayon de Frank Hennessey

AS TRÊS IRMÃS—NAS IMEDIAÇÕES DE BANFF

Alberta

Quadro a óleo de R. Gissing

VENTO NO SOPÉ DAS MONTANHAS

Alberta

Aquarela de R. Gissing

PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

Provincia de Quebec

Crayon de Frank Hennessey

UMA FLORESTA DA COLUMBIA BRITÂNICA

Aquarela de Emily Carr

ILUSTRAÇÕES EM PRETO E BRANCO

VISTA DO RIO SÃO LOURENÇO Aquarela de
John Townsend, *circa* 1840 pg. 7

MAPA DO CANADÁ, *circa* 1544 Atribuído a
Desceliers. Ao que se supõe, representa
Jacques Cartier, num encontro com um
chefe índio, à margem do rio, diante de
Quebec, no dia 15 de setembro de 1535
Pg. 9

MAPA DO CANADÁ por F. Nichols pg. 11

O MARQUÊS DE MONTCALM Segundo uma
gravura da época pg. 12

JAMES WOLFE Gravura de R. Hanshaw
(1849), segundo um desenho da época, pelo
Capitão Harvey Smith pg. 13

VERSOS DA "ELEGIA". DE GRAY, CITADOS PELO
GENERAL WOLFE Facsimile de uma copia
do original, anexa a uma carta dirigida a
Thomas Wharton e datada de Cambridge,
18 de dezembro de 1750 pg. 14

CIDADE E PORTO DE HALIFAX, NOVA ESCÓCIA
Desenho e gravura de R. Short, 1769
pg. 15

ÍNDIOS ARONQUIANOS, TANGENDO BÚFALOS
PARA UMA LAGOA Gravura do livro "Hind's
Exploring Expeditions 1857 and 1858"
pg. 16

A "CANADIAN PACIFIC RAILWAY"
Desfiladeiro do Kicking Horse, Columbia
Britânica pg. 19

IMPRESA NACIONAL

Biblioteca de Serviço Social

Nº 193

Data 25 / X / 94/1.

EDIÇÃO DE ADPRINT, LONDRES
IMPRESSA NA GRÃ-BRETANHA

VISTA DE LOUISBOURG, EM 1758, DURANTE o CERCO DA CIDADE Gravura da época, reproduzida para Carington Bowles pg. 22

VISTA DAS QUEDAS DE CHAUDIÈRE, YUKON Aquatinta de J. W. Edy, segundo G. B. Fischer pg. 23

A CIDADELA DE QUEBEC Gravura de Challis, segundo Bartlett, do livro "Canadian Scenery," publicado em 1842 pg. 25

VISTA AÉREA DE OTTAWA Mostrando as Casas do Parlamento do Dominio e o Castelo Laurier pg. 26

CATARATAS DO NIAGARA Parte canadense pg. 27

O MERCADO DE PEIXE, TORONTO, ONTARIO, circa 1850 Pintura a oleo sobre *papier maché*, produzida por Jennens & Bettridge pg. 28

KINGSTON, ONTARIO, circa 1850 Pintura a oleo sobre *papier maché*, produzida por Jennens & Bettridge pg. 29

CEIFADORAS DE TRIGO, NUMA FAZENDA Alberta pg. 30

ELEVADORES DE TRIGO EM PORT ARTHUR, NO LAGO SUPERIOR, Ontario pg. 31

O RODEIO DE CALGARY Alberta pg. 32

As ilustrações das paginas 7, 9, 12, 13, 14, 23 e 39 são reproduzidas por gentileza do Museu Britânico; as das paginas 15 e 22, por gentileza da Galeria Parker, de Londres; a da página 16, por gentileza de Bernard Quaritch, Ltd., de Londres; as das paginas 19 e 27, por gentileza da Canadian Pacific Railway; as das paginas 28 e 29, por gentileza de Leggatt Bros., Londres; a da página 26, por gentileza do Alto Comissário dos Negócios do Canadá e da Real Força Aérea Canadense; as das paginas 30, 31, 35, 36, 37, 41 e 43, por gentileza do Gabinete do Alto Comissário dos Negócios do Canada; as das paginas 32, 33 e 34, por gentileza do fotografo H. G. Casparius; a da página 38, por gentileza da Galeria Nacional do Canadá; as das paginas 44 e 45, por gentileza do autor e da Galeria Nacional do Canadá; as das paginas 46 e 47, por gentileza do Rt. Hon. R. B. Bennett.

BREVE CRONOLOGIA HISTÓRICA

circa 1000	o CANADÁ é provavelmente atingido por LEIF ERICSSON, numa expedição procedente da Groenlândia	circa 1666	Funda-se, nas margens do Lago Superior, uma MISSÃO FRANCESA
circa 1497	Descobrimto por JOHN CABOT, procedente de Bristol	circa 1713	A Baía de Hudson, a Terra Nova e a Nova Escócia tornam-se territórios BRITÂNICOS
circa 1534	JACQUES CARTIER, mandado por FRANCISCO I, da Franca, entra no Golfo de São Lourenço	circa 1759	o GENERAL woLFE captura Quebec
circa 1535	CARTIER chega ao ponto onde hoje se ergue Montreal	circa 1763	o CANADÁ é cedido a GRÃ-BRETANHA pela França
circa 1604	SAMUEL DE CHAMPLAIN funda a colônia francesa de Port Royal, na Nova Escócia	circa 1840	União do CANADÁ SUPERIOR e do CANADÁ INFERIOR
circa 1629	Aparece uma ESQUADRA BRITÂNICA, diante de Quebec	circa 1867	o CANADÁ torna-se um Estado federativo
		circa 1926	o CANADÁ torna-se membro da COMUNIDADE DAS NAÇÕES BRITÂNICAS

URSO PARDO Parque Nacional de Banff, Alberta pg. 33

UM BISÃO NO PARQUE NACIONAL DE BANFF Alberta pg. 34

MONTE EDITH CAVELL, NO PARQUE NACIONAL DE JASPER Alberta pg. 35

VANCOUVER Columbia Britânica pg. 36

MOURÕES ESCULPIDOS E ESTACAS TOTÊMICAS DOS ÍNDIOS HAIDA Ilhas da Rainha Carlota Pg. 37

FAZENDA DE UM COLONO Aquarela de C. Krieghoff pg. 38

VISTA DAS REGIÕES ÁRTICAS Aquarela de Sir George Back, circa 1838 pg. 39

SOLDADO DA POLICIA MONTADA, EM PATRULHA NO PARQUE NACIONAL DE BANFF Alberta pg. 41

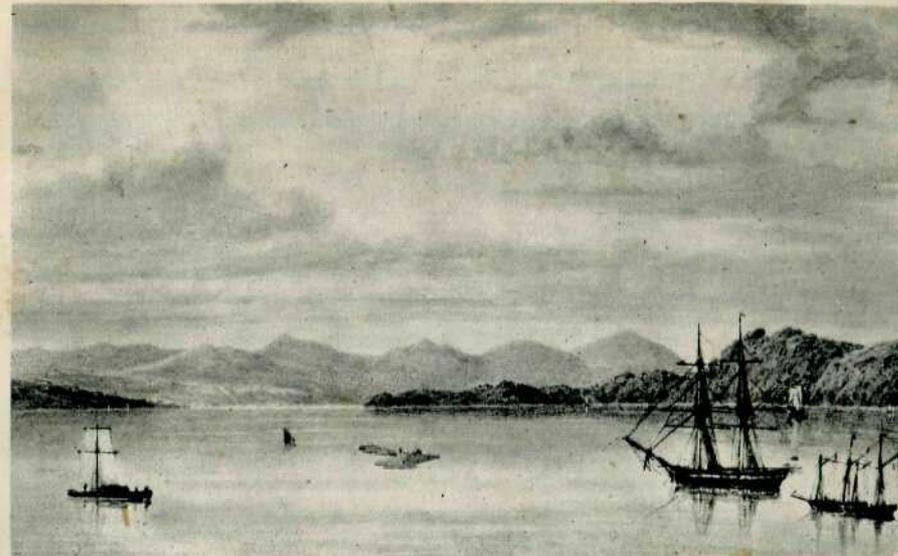
UMA FAMÍLIA DE ÍNDIOS STONEY, NUM NÚCLEO INDÍGENA Calgary, Alberta pg. 43

DERRUBADA DE ÁRVORES—DESGALHAMENTO Gravura de Clare Leighton pg. 44

DERRUBADA DE ÁRVORES — TRANSPORTE Gravura de Clare Leighton pg. 45

CABEÇA DE UM ÍNDIO SQUAW Desenho a crayon por N. de Grandmaison pg. 46

CABEÇA DE UM CHEFE INDIO Desenho a crayon por N. de Grandmaison pg. 47



VISTA DO RIO SÃO LOURENÇO
Aquarela de John Townsend, circa 1840

PREFACIO

PARA compreender um país, é necessário primeiro estudar a sua historia. E a historia do Canadá é muito interessante. Os dois fatores dominantes que produziram o Canadá de hoje foram, de um lado, a coragem e a resistência do **homen** e, de outro, as condições geográficas desse vasto e maravilhoso país, que se estende das **Provincias** Marítimas até o litoral do Pacífico. A historia do Canadá é uma verdadeira saga do espírito de aventura do **homen**, diante de toda sorte de dificuldades, e uma homenagem a duas grandes **raças**—a britânica e a francesa—que iniciaram a conquista do Canadá pela força e preservaram a conquista em anos de paz.

Neste esboço não **me** é possível fazer mais do que lançar uma vista dolhos sobre a sequência dos acontecimentos e minha esperança é que os leitores se entusiasmem e procurem estudar a historia canadense mais a fundo. Não lhes faltarão compensações.

Neste momento, todos os olhares estão voltados para o Novo Mundo. Pela terceira **vez**, num período de quarenta anos, os canadenses puseram-se ao nosso lado, para lutar conosco. E a oportunidade é excelente para estudar as **raizes** da historia canadense, **raizes** que têm origem em nosso solo e no solo da França.

Tentei mostrar o encanto especial de cada uma dessas nove **provincias** que, juntas, formam o **Dominio** do Canadá. Se conseguir tornar um pouco mais conhecidos os seus interesses e belezas variados, hei de sentir-me amplamente recompensada.

S. T.

I HISTORIA

O Canadá foi descoberto e sua colonização iniciada, em consequência do descobrimento da China, por Marco Polo, ao tempo em que, na Inglaterra, reinavam Eduardo I e depois Eduardo II. Os relatos da civilização maravilhosa de Cathay haviam provocado, nos negociantes da Espanha, da Inglaterra e das Repúblicas Italianas, uma sede de comercio com o Oriente rico e próspero. Em maio de 1497, John Cabot, italiano de Bristol, aparelhou um pequeno navio, com um auxilio muito moderado do Rei Henrique VII, e velejou para a América do Norte.

Voltou em julho, afirmando ter alcançado terra e ter plantado, na praia, uma enorme cruz de madeira. Acrescentou que tinha, com certeza, encontrado as terras do grande Khan e tinha também chegado muito perto do Japão. Recebeu grandes homenagens, andava por toda parte vestido de seda e não se cansava de prometer a descoberta de riquezas opulentas no Novo Mundo. Um ano mais tarde, partiu com dois navios e voltou contando historias de pescarias e comercio de peles. Depois disso, a Inglaterra reivindicou a descoberta da América do Norte. Quasi quarenta anos depois, em 1534, os franceses, que tinham sabido do que se dizia entre pescadores sobre a América do Norte, decidiram não permitir que a Inglaterra e a Espanha se apoderassem desse novo continente e Francisco I escolheu Jacques Cartier, rijo marinheiro de St. Malo, para lançar-se a essa grande aventura. Cartier fez uma viagem surpreendentemente rápida í três semanas. Atingiu a embocadura do São Lourenço, no Estreito de Belle Isle. Costeando o litoral de Nova Brunswick, na direção de Gaspé, chegou a uma enseada a que deu o nome de Baía do Calor, porque o dia estava muito quente. (Quatrocentos anos mais tarde, passei por esse local. A temperatura estava abaixo de zero e a neve recobria a paisagem toda com uma camada espessa. Não era possível compreender a razão do nome escolhido.)

Jacques Cartier estava convencido de que essa enseada levava ao Oriente fabuloso, mas os indios que encontrava pareciam extremamente pobres e só tinham uma mercadoria a oferecer : peles. Em Gaspé, Cartier plantou uma grande cruz de madeira e pregou nela um escudo com uma flor de lis e a legenda : "Vive le Roy."

A conquista francesa do Canadá parece ter sido fonte de muita surpresa e muito desapontamento. Surpresa, quanto à vastidão e beleza do país ; desapontamento, quanto à vida que ali se encontrou, diferente de tudo quanto os exploradores imaginavam. Depararam com pobres aldeamentos indios, cercados por uma tríplice barricada de troncos, quando esperavam a alegria de ver, por trás de cada colina ou à volta de cada rio, templos magníficos, pomares cheios de frutas saborosas, homens e mulheres vestidos de sedas exóticas e todo o esplendor de uma civilização vetusta e rica. (As corredeiras *La Chine*, perto de Montreal, foram assim chamadas, porque os exploradores tinham a esperança de encontrar, logo alem, a China em



MAPA DO CANADÁ, circa 1544
Atribuido a Desceliers

Ao que se supõe representa Jacques Cartier, num encontro com um chefe indio, à margem do rio, diante de Quebec, no dia 15 de setembro de 1535

toda a sua gloria.) Foi um sonho que custou a morrer, tanto na França como na Inglaterra.

Cartier passou dois anos no Canadá. Voltou à França, levando consigo um chefe indio. Chegaram à Espanha informações de que Francisco I estava aparelhando uma expedição para colonizar uma nova França. Os espanhóis e os portugueses declararam que, enquanto os franceses não tomassem territórios que lhes pertenciam, podiam ir para o norte gelado, de onde era de esperar que os colonizadores nunca voltassem vivos.

Cinco anos depois dessa tentativa, Cartier desembarcava outra vez no Canadá, ainda com a esperança de descobrir diamantes. Voltou à pátria sem pedras preciosas, mas com alguns espécimes de ouro e de cristal, encontrados em Charlebourg, perto de Quebec.

O rol de honra da historia canadense é um estudo fascinante. Poucos países têm tido a seu serviço homens de tão alto espírito de aventura e de características tão diversas. Depois de Cartier, navegante e explorador, segue-se o grande nome de Champlain. Era um homem dotado de grande fervor religioso e de coragem, paciência e tato. E bem precisava de todas essas qualidades, porque os franceses,

Quasi

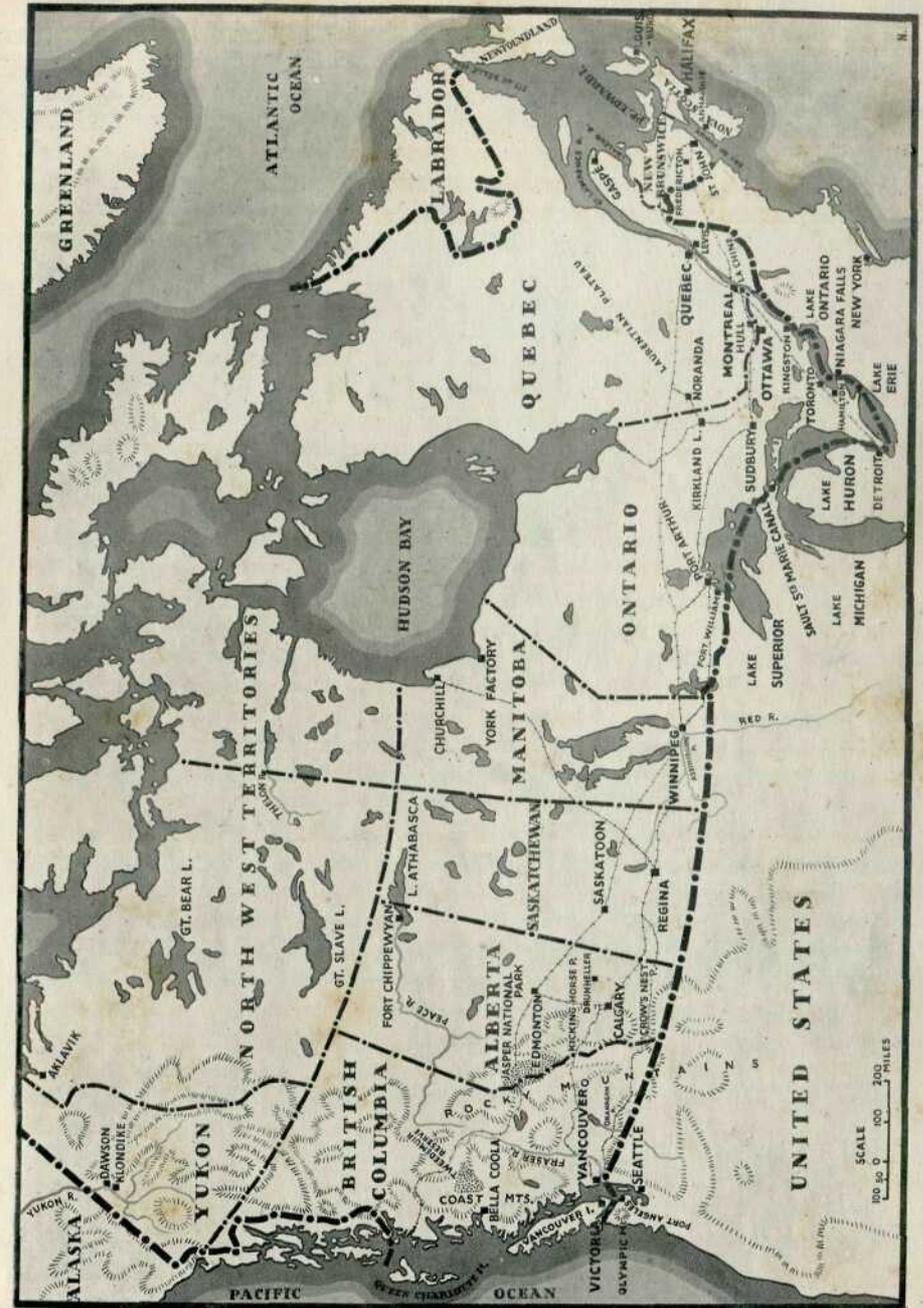
como em geral todos os colonizadores, eram difíceis de governar e as tribus indígenas eram ao mesmo tempo formidáveis e cruéis. O apoio que lhe vinha da França variava caprichosamente. Champlain era homem muito viajado, tinha penetrado no México e costumava levantar mapas e esboçar desenhos de todos os lugares por onde andava. Foi acusado mais tarde de haver concluído uma aliança com as tribus dos Hurons e dos Algonquins, porque, embora o auxílio desses aliados indígenas lhe tivesse valido algum êxito, seguiu-se um século inteiro de animosidade acirrada com os Iroquois. Champlain levou suas explorações até o lago Huron, com uma turma de Índios, e sempre achou que o domínio da França devia ir além do litoral canadense.

Nesse meio tempo, a Inglaterra tinha começado a interessar-se pelo comércio de peles que florescia na América do Norte e, em 1662, mandou para lá uma expedição chefiada por Sir William Alexander, sem tomar conhecimento de que os franceses já estavam ocupando uma parte do Canadá.

É impossível, neste breve esboço, entrar em maiores considerações sobre a complicada luta entre franceses e ingleses. Uns afundavam os navios dos outros e tentavam por todos os meios assumir o controle do comércio de peles e de pescado. Em 1632, os franceses ocuparam Quebec e Champlain, depois de trinta anos de trabalho árduo, viu florescer o comércio e chegarem os primeiros imigrantes. Champlain foi o único dos franceses mandados para a América que tentou firmar a agricultura e transformar uma colônia de comércio numa nova pátria para os franceses. Sua visão, sua coragem e sua firmeza fazem dele talvez a maior figura da história do Canadá. Atravessou oito vezes o Atlântico, desafiando todos os perigos, e só isso representava um feito notável naquela época. Foi um dos primeiros edificadores de impérios, um daqueles homens notáveis que, como Cecil Rhodes, viam as possibilidades de uma terra jovem e, em vez de procurar pilhá-la, com intuítos de lucro, tentavam implantar nela o ambiente de sua pátria e desenvolvê-la para benefício de seus compatriotas e dos nativos que ali viviam.

No reinado de Luiz XIII, surgiu na França um verdadeiro espírito missionário em relação ao Canadá francês. Richelieu e sua sobrinha, Madame d'Aiguillon, mandaram para lá seis operários incumbidos de preparar o terreno para um hospital e fundaram o Hotel de Dieu. O Cardeal deu apoio generoso à missão de jesuítas junto à tribo dos Hurons. Não se pode imaginar história mais bela do que as aventuras desses jesuítas, que partiram para enfrentar não só os perigos de um clima rigoroso, como a morte nas mãos dos índios, depois das torturas mais hediondas que a imaginação indígena podia conceber. Sofreram os seus martírios com bravura perfeita e quem deseja restaurar sua fé nas grandes culminâncias a que pode elevar-se a criatura humana deve ler o relato dessas aventuras, nas páginas vivas de Francis Parkman. Os que sobreviveram colaboraram nos trabalhos de colonização e os que encontraram morte trágica deixaram um marco indelével na história do Canadá.

A dedicação dos jesuítas forma um contraste flagrante com as intrigas e as perfídias que deixavam na sua terra natal. E foi isso que impediu a França de conquistar e depois preservar a posse do Canadá. Francisco I, Henrique IV, Richelieu e Luiz XIV—todos eles sonharam com um império canadense. Mas o





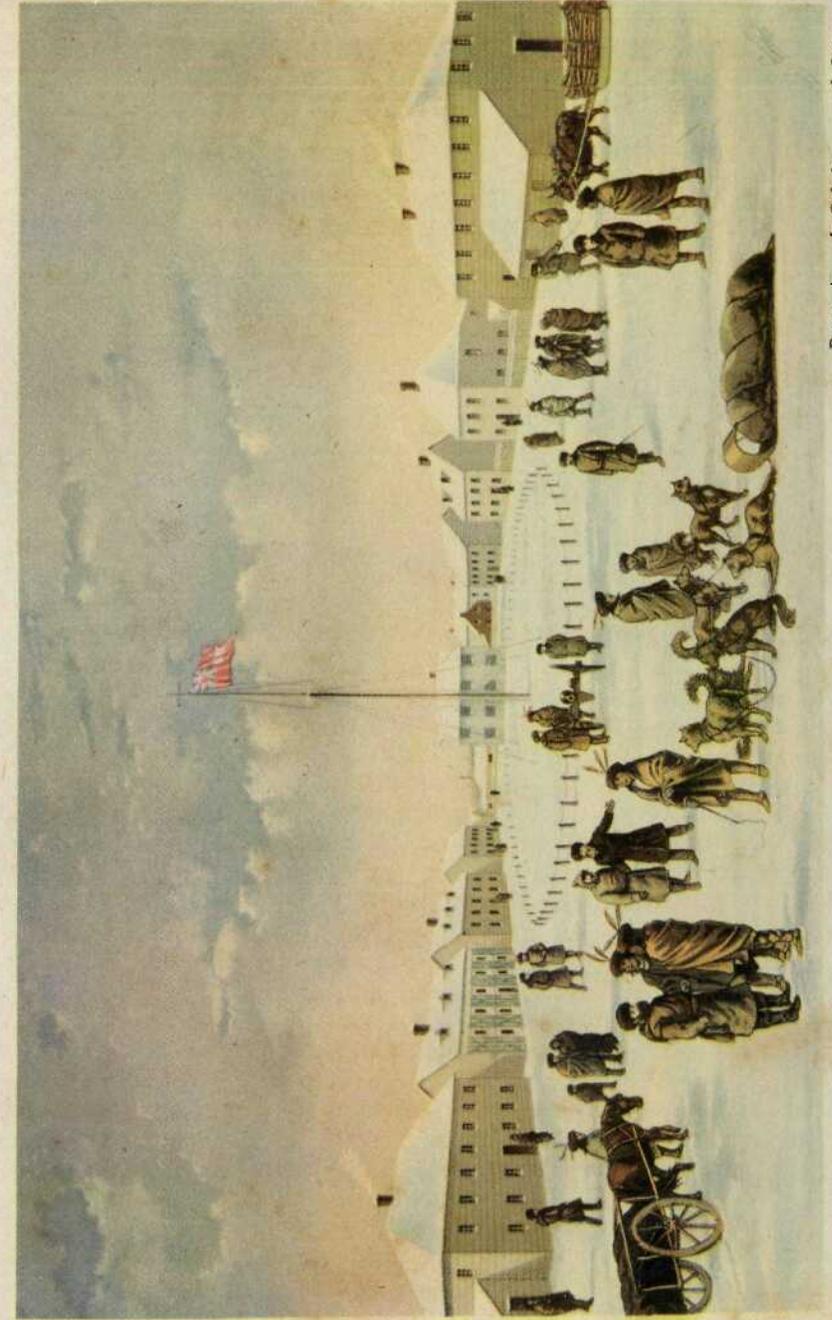
O MARQUÊS DE MONTCALM
Segundo uma gravura da época

domínio que exerciam sobre o Canadá era precário, em parte devido à pouca disposição dos franceses de emigrar, em número apreciável, da pátria que tanto estremeciam. É um fato histórico interessante esse dos franceses nunca terem conseguido grande preponderância na Nova França, senão depois da conquista inglesa, em 1759. A sabedoria dos conquistadores, permitindo aos franceses continuarem a praticar a religião católica e fundar suas próprias escolas, concorreu muito para que estes se radicassem na nova terra e aprendessem a amá-la, constituindo famílias numerosas e sadias, que vieram resolver o problema de

formar uma população francesa. Depois de Champlain, coube ao Conde de Frontenac governar Quebec. A corte de Frontenac obedecia em tudo aos moldes europeus e o governador insistia em preservar toda a pompa devida a um chefe de governo. Deve ter existido um encantador oásis de civilização, nas rochas elevadas de Quebec: as roupagens elegantes e o refinamento da civilização de Luiz XIV, no meio da desolação selvagem daquela terra imensa, da qual a França possuía tão pouco.

Seria interessante, para um estudioso da história canadense, analisar os tipos diversos da colonização francesa e inglesa, na América do Norte. As colônias britânicas contavam com um apoio mais decidido dos comerciantes da metrópole do que as francesas. A luta entre a França e a Inglaterra prosseguia em terra e no mar, aliando-se cada um dos contendores com os indígenas locais, lutando ferozes combates de fronteira, nos campos recobertos de neve espessa, sob um céu iluminado pelo brilho das aldeias incendiadas.

Mas o destino do Canadá sempre dependeu dos acontecimentos na Europa e grandes porções de território eram cedidas e devolvidas, mediante tratados entre a França e a Inglaterra. Os governos franceses que se sucediam tinham vistas acanhadas e pretendiam governar o Canadá como se fosse uma província francesa, sufocando a iniciativa dos colonizadores com restrições mesquinhas e obrigações feudais. Não há dúvida que, se os ingleses não tivessem interesses no Canadá e se os dois países nunca tivessem entrado em choque, às margens do São Lourenço, todas aqueles detalhes inconvenientes do provincialismo francês teriam desaparecido com o tempo e os humildes colonizadores do Canadá teriam afinal conquistado sua autonomia de governo, à proporção que passasse o tempo. Mas não ia ser



Por gentileza da Galeria de Londres

INTERIOR DO TETO CIRCA 1850—WINNIPEG, MANITOBA
de H. A. Strong



Por gentileza de Leggat Bros., de Londres

UMA VISTA DE MONTREAL, 1850
Pintura a óleo sobre papier maché, produzida por Jennens & Bettridge

assim. Em 1749, os ingleses fundaram Halifax e começaram a colonizar a Nova Escócia. Em 1756, teve início a guerra dos Sete Anos e o poderio naval decidiu por fim o destino do Canadá. William Pitt, Conde de Chatham, mandou uma expedição, sob o comando do jovem James Wolfe, em 1759. Como disse certa vez John Fortescue: "Fisionomia curiosa, a de Wolfe: perfil que lembra a aba de um envelope, nariz longo e imperioso e ... nada de queixo!" Mas, a despeito de não ter queixo, Wolfe tinha excelentes qualidades de comando e grande experiência de campanhas militares. O Marquês de Montcalm, que nada ficava devendo a Wolfe em coragem e integridade e gozava de magnífica reputação de soldado, comandava as forças francesas, nas altas rochas de Quebec. Essa posição parecia inexpugnável, mas Wolfe sus-

peitou de um ponto fraco, nas defesas, e para ali mandou parte de suas forças, por um caminho oculto e desprotegido. A captura de Quebec custou às forças combatentes seus dois comandantes. Wolfe morreu, ao chegar ao cume da rocha, e Montcalm morreu pouco depois, em consequência de ferimentos recebidos.

Quando Wolfe atravessou o São Lourenço, num barco a remo, sob a proteção das trevas, diz-se que recitou a *Elegia* de Gray, fazendo uma pausa depois do verso famoso: "Os caminhos da gloria levam apenas ao túmulo." No seu caso, a profecia falhou, pois o seu caminho de gloria o levou à imortalidade e a sua vitória decidiu o destino do Canadá. Tenho muitas vezes parado diante do monumento dedicado a Wolfe, no Battlefields Park de Quebec, onde brincam alegremente crianças canadenses, francesas e inglesas, e tenho lido e relido a inscrição: "Aqui morreu Wolfe, vitorioso."

Em 1763, assinou-se a paz e o Canadá passou a ser governado sob uma proclamação real da Inglaterra. Uma grande porção do continente, que a França tinha sonhado ampliar até o Mississippi e, no sul, até Ohio, foi arbitrariamente incorporada



JAMES WOLFE
Gravura de R. Hanshaw (1849), segundo um desenho da época, pelo Capitão Harvey Smith

à Província de Quebec. O Governo britânico concedeu à Igreja Católica todos os privilégios de que gozava até então e as leis civis francesas e a legislação comercial inglesa floresceram lado a lado.

Em 1775, cansados dos esforços de Jorge III para impor-lhes leis e restrições financeiras, os colonos americanos revoltaram-se. Invadiram o Canadá, com o auxílio dos canadenses franceses. Montreal foi capturada e Quebec sofreu outro sítio, durante o inverno de 1775-1776, mas foi salva por Sir Guy Carleton, depois Lord Dorchester. O exército revolucionário retirou-se e o Canadá se tornou asilo e lar de quasi quarenta mil Tories, conservadores leais à Grã-Bretanha e adversários dos Whigs, ou liberais, que tinham feito a revolução americana e sacudido o jugo da mãe-pátria. Esses novos colonos se estabeleceram na Nova Escócia, em Ontario e em Nova Brunswick e tiveram participação destacada na formação do Canadá. Eram homens resolutos, que abandonaram seus lares e seus negócios, para estabelecer-se sob a bandeira inglesa. Eles e seus descendentes se caracterizavam pela tenacidade, pela dignidade e por uma inteligência alerta e profunda. Ainda hoje, é uma espécie de título de nobreza pertencer a uma família de U.E.L. ou *United Empire Loyalists*, isto é, famílias originadas no Canadá por esses conservadores fieis à Coroa, e os seus descendentes ocupam posições de responsabilidade, em todo o Dominio.

The Curfew tolls the Knell of parting Day,
The lowing Herd winds slowly o'er the Hill,
The Ploughman homeward plods his weary Way,
And leaves the World to darkness & to me,
Now fades the glimmering landscape on the sight,
And all the air a solemn stillness holds,
Save where the Beetle wheels his plodding flight,
In noisy tinkling, till the vesper bells
Have rung for ever o'er the waning year,
The evening Sun does to the Moon complain
Of such a world as near her secret bow
Hides her untraced solitary train,
Beneath those rugged fells that yawning shade,
Where leaves the Sun, a mouldering heap,
Lies in his narrow cell for ever laid,
The tumbledown of the Hamlet sleep,
The breeze, call of ancient fishing-Boats,
The small-voiced wain, the plow-built shed,
The Cuck's shrill Chorus, & the evening Horn,
No more shall vex us from their lowly bed,
For them no more the Harp's harsh strings shall boom,
Or busy Huswife ply her weary care,
No Child's own run to top their Father's Down,
Nor climb his knees the aged wife to share,
Or sit the Harrow, or their sickles yield,
Their Sunnys of the stubble field, nor broke,
Nor bound the Whores beneath their rusty wheels,
Let not Ambition mock their useful toil,
Their homely joys, & their plain business,
For Grandeur has not a more dreadful smile,
The short & simple Annals of the Poor,
The Bowls of Recreation, the Hogs of Power,
And all that Beauty, all that Wealth can give,
Awaits alike of inevitable hour,
The Paths of Glory lead but to the Grave,
Sorrow, ye Poets, be involuntarily mute,
If Memory to these no Sophisms raise,
Where sits the long-drawn Plea & fretted Paul,
The pealing Northern-mettle the Boss of Power,
Can scold them or animate Bust
Back to its Mansion call the flustering breath?
Can Honour's Voice provoke the silent dust,
Or Slaves by speech the dull cold ear of Death?

VERSOS DA "ELEGIA", DE GRAY, CITADOS PELO GENERAL WOLFE

Facsimile de uma copia do original, anexa a uma carta dirigida a Thomas Wharton e datada de Cambridge, 18 de dezembro de 1750



CIDADE E PORTO DE HALIFAX, NOVA ESCÓCIA
Desenho e gravura de R. Short, 1769

ciados aos do país que, no momento da conquista, deixou ao povo inteira liberdade para seguir suas inclinações religiosas e conservar sua língua natal.

Sir Guy Carleton se distinguiu não só como o defensor de Quebec, mas também pela maneira por que posteriormente conduziu a situação. Tivesse ele cometido o erro de tratar os canadenses franceses como povo conquistado, teria havido luta, no Canadá, e um interminável legado de maguas e ressentimentos. A Lei de Quebec é muito importante, porque demonstra um espírito de tolerância civilizada, em relação a uma minoria vencida. Mostra também que os ingleses não haviam esquecido as lições dos romanos: liberdade de costumes, sob as leis do conquistador.

Os Estados Unidos da América—como devemos passar a chamar o novo Estado—desejavam adquirir outros territórios e compraram a Louisiana por alguns milhões de dólares. Parecia fácil a conquista do território canadense, tão pouco habitado, sobretudo num momento em que a Inglaterra estava ocupada em defender-se contra Napoleão. Certas questões relacionadas com a navegação causaram grandes ressentimentos e muitos marinheiros ingleses, recrutados à força nas cidades costeiras da Grã-Bretanha, desertavam alegremente, logo que chegavam aos portos americanos, onde o povo falava a mesma língua e os acolhia com bondade. Navios de guerra ingleses ficavam esperando, nas proximidades do porto de Nova York, e faziam parar os navios mercantes americanos, para deles retirar todos os homens que falassem com o mais ligeiro sotaque inglês, escocês ou irlandês. O Governo britânico proibiu que os navios americanos, ou quaisquer outros navios neutros, entrassem nos portos da Europa, sob o domínio de Napoleão.

Irritado por todas essas coisas, o Governo dos Estados Unidos planejou uma marcha vitoriosa contra Quebec e, no ano de 1812, o Congresso declarou guerra à Inglaterra. O segundo grande soldado de origem inglesa, na historia do Canadá, foi Isaac Brock que, como Wolfe e Montcalm, já tinha prestado serviço militar ativo no continente europeu. A guerra trouxe êxitos a ambos os combatentes. O General Brock tomou Detroit e foi morto na Batalha de Queenston Heights, no momento em que alcançava a vitória. O comandante das forças americanas, General Petre, capturou York (hoje Toronto), então pequena capital da Província de Ontario.

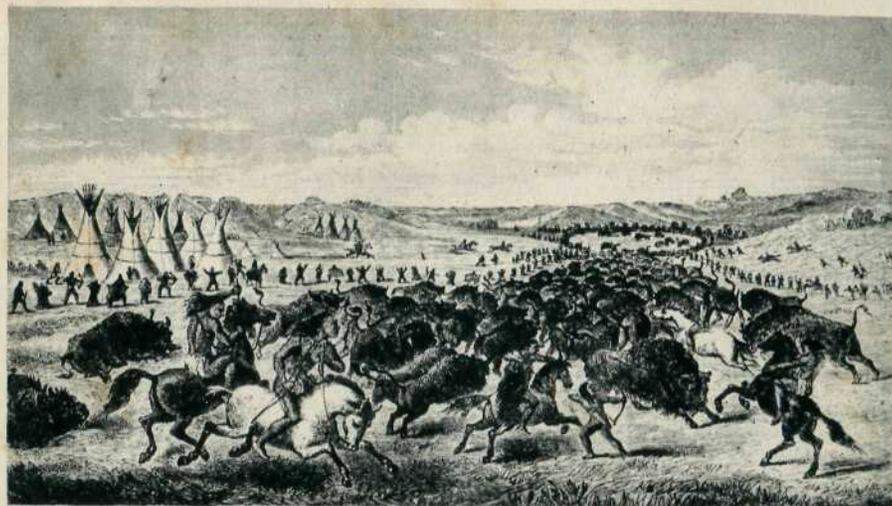
A supremacia naval da Grã-Bretanha permitia-lhe incursões contra o litoral atlântico da América. Soldados britânicos tomaram Washington e incendiaram todos os edifícios públicos. Conta-se que, antes de incendiar a mansão presidencial, um regimento de soldados escoceses devorou o jantar que estava preparado para o Presidente dos Estados Unidos. Passaram depois a incendiar o que puderam do palácio presidencial, deixando apenas o arcabouço calcinado. Chama-se hoje Casa Branca esse palácio incendiado pelos soldados ingleses e o nome se origina de haver sido caído de branco, para esconder as marcas evidentes do fogo.

O Tratado de Ghent veio por termo a essa guerra que ia se arrastando sem desfecho, guerra mais de governos do que propriamente de povos. Não foram feitas concessões, de um lado ou de outro, e as fronteiras permaneceram as mesmas. Essa pequena guerra tem grande interesse para os estudiosos da historia militar, mas há muito pouca gente, na Grã-Bretanha, no Canadá ou nos Estados Unidos, que se lembre dos motivos por que foi travada.

O Canadá foi dividido em duas províncias: Alto e Baixo Canadá (Ontario e Quebec). Enquanto os franceses, em Quebec, lutavam para assegurar aos canadenses franceses o maior poder político possível, Ontario, predominantemente britânica, lutava pelo governo democrático do povo.

No ano de 1837, houve duas rebeliões bem características da atitude mental que prevalecia no Alto e no Baixo Canadá. Joseph Papineau, dono de grandes latifúndios no São Lourenço e político ardoroso, provocou uma revolta, que visava criar uma república francesa, na região do São Lourenço. William Lyon Mackenzie, antepassado do atual Primeiro Ministro do Canadá, também lutou de armas na mão contra o governo da Província de Ontario, que era uma espécie de oligarquia, na qual todas as autoridades eram aparentadas por casamentos entre um número restrito de famílias. Nenhuma das duas rebeliões foi bem sucedida. Lord Durham, mandado da Inglaterra, foi chamado à metrópole, cinco meses depois, mas o Relatório Durham (1839) lançou as bases de uma política duradoura. Recomendava a união do Alto e do Baixo Canadá e recomendava também que se conferisse a toda a América do Norte britânica uma certa autonomia de governo. Foi criado um parlamento separado para cada uma das duas províncias, cuja união levou ainda muito tempo a efetivar-se. Em 1867, foi promulgada a Lei da América do Norte Britânica e nasceu o Dominio do Canadá, incluindo Ontario, Quebec, Nova Brunswick e Nova Escócia.

A historia do Canadá começa com a historia das províncias marítimas—Quebec e parte de Ontario. A conquista do oeste viria depois. Enquanto a esposa do



ÍNDIOS ARONQUIANOS, TANGENDO BÚFALOS PARA UMA LAGOA
Gravura do livro "Hind's Exploring Expeditions 1857 and 1858"

Governador do Baixo Canadá registrava em seu diário, em meados de 1830, uma serie de atividades sociais e o conforto de seus aposentos, no Château St. Louis, em Quebec—onde, no inverno, a mesa era ornamentada de rosas e resedá, cultivados em estufas—enquanto isso, os índios que viviam no oeste raramente viam um homem branco; as manadas de búfalos e caribús pastavam tranquilamente, sem que o homem as perturbasse, e as grandes florestas seculares dormitavam no silencio mais completo.

Mas, já em 1670, Carlos II havia outorgado uma carta regia ao seu primo, Príncipe Rupert, e a mais dezessete nobres e cavalheiros, entre os quais figurava o Duque de Marlborough, permitindo-lhes negociar em peles com os Índios. Esse pequeno grupo intitulou-se—*O Governador e a Companhia de Aventureiros-Negociantes da Baía de Hudson*. Foi uma medida muito importante, pois a Companhia da Baía de Hudson foi em parte responsável pela formação e desenvolvimento do Canadá. A principio, negociava em peles, em todas as regiões banhadas pelos rios que desaguavam na Baía de Hudson. Encontrou grandes rivalidades, por parte de outros negociantes de peles, e, depois de muitos anos de competições e lutas, fundiu-se, em 1828, com a Companhia Noroeste de Peles, de Montreal. Os homens da Companhia da Baía de Hudson sempre foram pioneiros no desenvolvimento do Canadá. Constituíram famílias em toda a parte norte do continente, penetrando pelo país muito mais rapidamente do que seria possível a qualquer governo. Graças a eles, a bandeira era precedida pelo comercio, ao contrario do que geralmente acontece.

Em 1789, um negociante de peles, Alexander Mackenzie, resolveu explorar o país até o Pacífico. Partiu do Forte de Chippewyan, no Lago de Atabasca, viajou para o Lago dos Escravos e daí, por um grande rio, partindo da extremidade

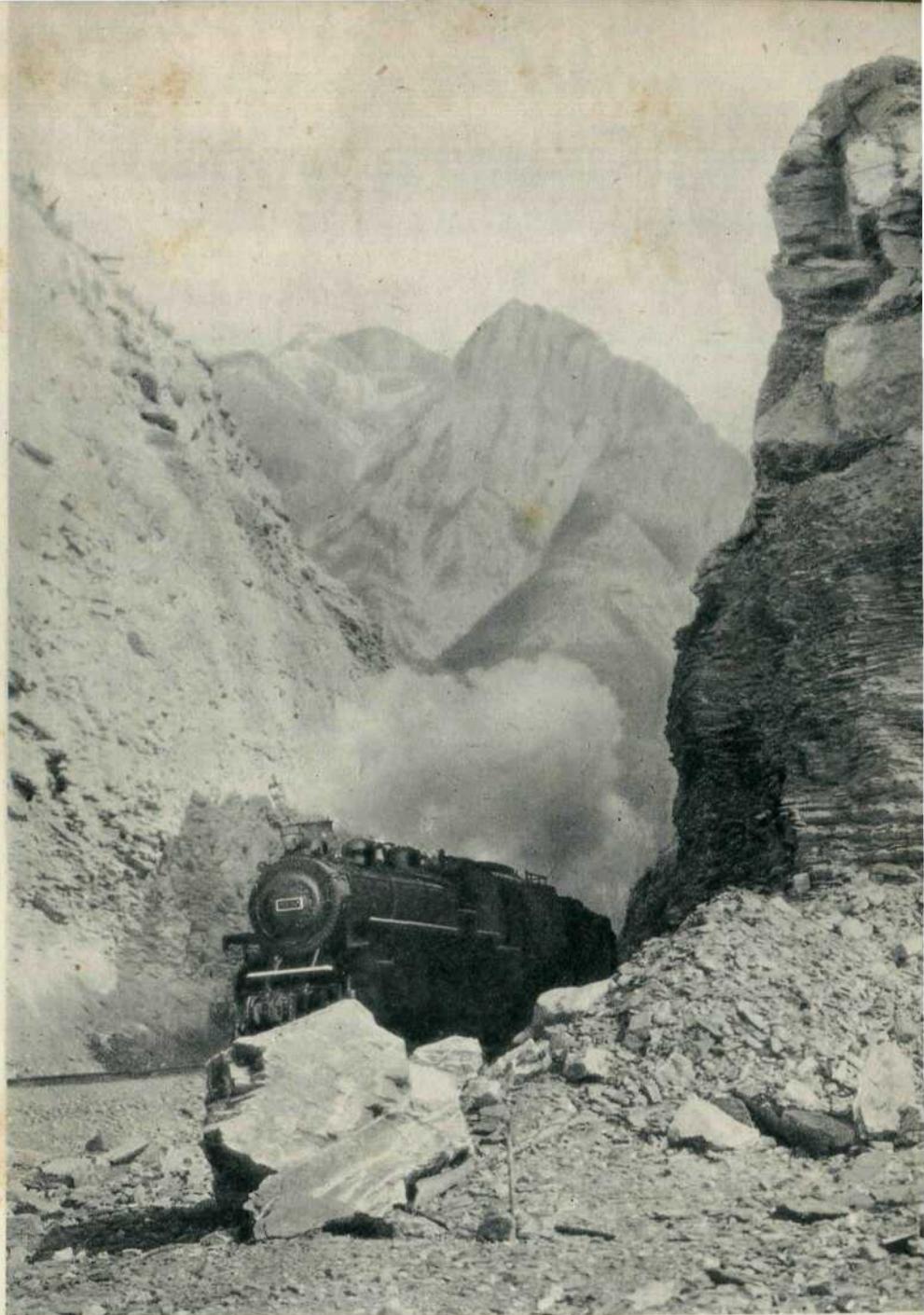
ocidental do lago. Imaginava que esse curso d'água o levasse ao Pacífico. Sentiu uma enorme decepção, ao verificar que tinha chegado ao Ártico. Em maio do ano seguinte, empreendeu a sua viagem épica ao Pacífico. Seus guias, infestados de verminose, mostravam má vontade constante e ameaçavam revoltar-se a cada momento. Atravessaram grandes lagos, montanhas e florestas e a expedição só se manteve unida, graças à determinação pessoal de Mackenzie de chegar até o fim da viagem. Afinal, depois de varar uma grande cadeia de montanhas, chegaram a Bella Coola, no litoral do Pacífico. Os Índios hospitaleiros de Bella Coola receberam alegremente a expedição, festejaram a chegada com um banquete de salmão e emprestaram uma canoa aos viajantes. Numa rocha que ainda está de pé, Mackenzie deixou a inscrição: "Alexander Mackenzie, canadense, vindo por terra. Vinte e dois de julho de mil setecentos e noventa e três." Felizmente, nunca faltaram ao Canadá homens valentes e tenazes, dispostos a cruzar grandes distâncias para dominar segredos geográficos.

A união de todo o Canadá num só *Dominio* veio lentamente, com alguns episódios penosos e às vezes brutais. A primeira colônia de homens brancos, em Manitoba, foi fundada por Pierre Vaúltier de Varennes, Senhor de la Verandrye, morto em 1749. Em 1738, levantara o Forte Vermelho, na confluência dos rios Vermelho e Assiniboine.

Em 1811, um escocês, o Conde de Selkirk, trouxe colonos da Escócia. Adquiriu terras da Companhia da Baía de Hudson e instalou agricultores escoceses em York. Em agosto de 1812, esses colonos chegaram ao forte que devia ser, no futuro, a cidade de Winnipeg. O plano de colonização falhou e Lord Selkirk foi obrigado a trazer tropas, para evitar que se consumasse o ameaçado massacre dos novos colonos. Morreu no sul da França, em 1820, triste e desiludido. Mas tinha iniciado a colonização do Canadá ocidental, que iria tornar-se, com o tempo, um dos mais vastos celeiros do mundo.

O plano de Lord Selkirk fizera crescer muito a população do Canadá. Durante algum tempo, os colonos viveram sossegados, sob a autoridade da Companhia da Baía de Hudson. Em 1869, o *Dominio* recém-criado comprou terras da Companhia e começou a mandar para a região agrimensores e outros funcionários, visando lançar os primeiros fundamentos das novas cidades que iriam surgir. Os primeiros colonos de Manitoba, lavradores franceses e escoceses, haviam constituído família com as índias da região e seus descendentes passaram a ser conhecidos como *os mestiços*. Cuidavam da terra, pescavam, construíam armadilhas para aproveitar as peles dos animais e não queriam por cousa alguma a interferência de gente de fora. Não lhes agradava a ideia da construção de novas cidades e temiam que o influxo de novas populações resultasse em dizimar a vida selvagem animal na província. Louis Riel, um mestiço, comandou uma revolta mal sucedida dos *mestiços*, abafada por uma expedição sob o comando de Sir Garnet Wolseley.

Na Constituição da América do Norte Britânica estava prevista a incorporação de novas províncias ao *Dominio*. Manitoba foi a primeira a ser incorporada. Em 1871, foi anexada também a Columbia Britânica, mediante a promessa de que seria construída uma estrada de ferro, ligando-a à parte oriental do Canadá. Em 1878, uma ordem imperial determinava que fossem anexadas ao *Dominio* todas



A "CANADIAN PACIFIC RAILWAY"
Desfiladeiro do Kicking Horse, Columbia Britânica

as possessões britânicas na América do Norte, exceto a Terra Nova. As linhas da *Canadian Pacific Railway* foram inauguradas em 1885 e o último prego foi batido por Donald Smith, depois Lord Strathcona, que tinha empenhado quase toda a sua fortuna nesse empreendimento.

A construção dessa estrada de ferro foi uma epopeia de perigos e dificuldades. Os seus construtores tiveram que lutar contra enchentes, incêndios e hostilidade dos Índios, além dos problemas de engenharia que, por si mesmos, já importavam em dificuldades quase intransponíveis. Dizia-se que o Canadá não podia construir a linha com seus próprios recursos e os críticos decidiram que o empreendimento era impossível. O projeto, por mais de uma vez, esteve muito próximo da falência. Mas os obstáculos foram vencidos um a um, graças à tenacidade de Van Horne, especialista em construção de estradas, vindo dos Estados Unidos. Num momento sombrio, quando faltavam fundos para a empresa, Van Horne procurou o Primeiro Ministro, Sir John Macdonald, e conseguiu persuadi-lo de que a ruína da empresa equivaleria à ruína do Canadá. Os bancos da Grã-Bretanha acreditaram no projeto e forneceram o dinheiro para custear a construção, de modo que a importância de um milhão de libras, prometida pelo Canadá, nunca foi paga. A estrada de ferro foi um milagre de engenharia. Às vezes, nas planícies, as linhas eram assentadas numa extensão média de cinco quilômetros por dia. Foi escolhido o Passo do *Kicking Horse* como o local por onde deveriam correr os trilhos, através das Montanhas Rochosas. Para atingir o Passo, a estrada precisava subir mais de 1.500 metros. Atingia afinal o Pacífico, na embocadura do Rio Fraser, onde hoje se ergue a importante cidade de Vancouver.

Depois de completada a estrada de ferro, os navios começaram a cruzar os Grandes Lagos e o litoral do Pacífico. Houve um fluxo de imigrantes para as grandes planícies canadenses e toda a vida do Canadá passou a circular livremente, do Atlântico ao Pacífico.

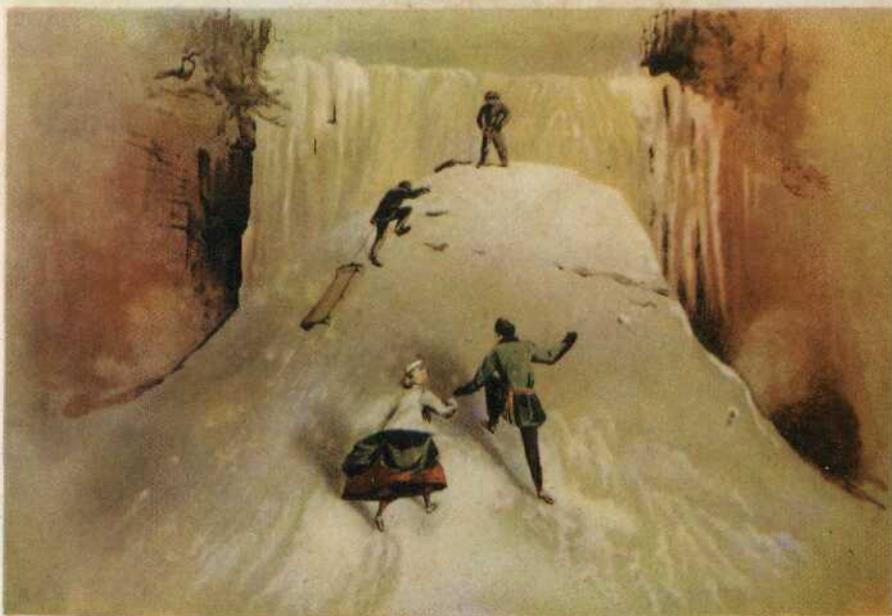
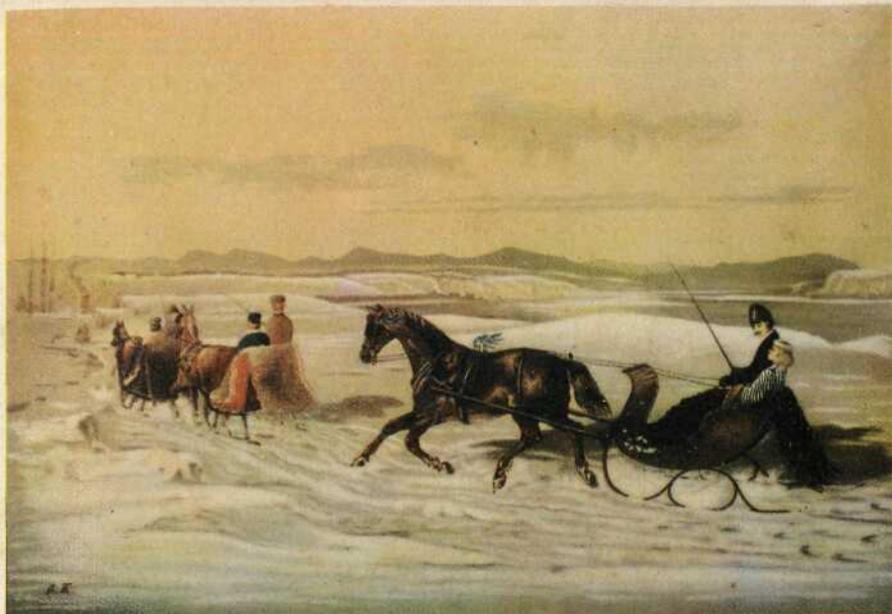
Nos primeiros anos do século XX, abriram-se mais estradas de ferro, em todo o Canadá. Ao sistema ferroviário *Canadian Pacific*, juntaram-se os *Canadian Northern* e *Grand Trunk*, contribuindo para que se ultimasse a fusão de todo o Domínio, de costa a costa. O Rei Trigo e o Rei Ouro, fatores destacados de riqueza, um à flor da terra e o outro no sub-solo, trouxeram mais imigrantes, que fundaram novas colônias, com novas igrejas e novas escolas. Em Sudbury, foram encontrados enormes depósitos de níquel; nas águas do Rio Yukon, descobriu-se ouro; perto do Passo de Crow's Nest, acharam-se depósitos carboníferos; em Noranda e no Lago de Kirkland, havia ouro e cobre; mais tarde, foram encontrados depósitos de urânio, no Lago do Grande Urso. Mencionados incidentalmente, são esses alguns dos lugares mais notáveis pelos seus recursos minerais. As florestas começaram a produzir uma imensa riqueza de polpa de madeira, para o papel de imprensa que passou a ser exportado para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos.

O Domínio já teve alguns Primeiros Ministros notáveis. Sir John A. Macdonald serviu à sua pátria por mais de quarenta anos e lançou os fundamentos da política tendente a fazer do Canadá um Estado confederado, dentro do Império. Sir Wilfrid Laurier, canadense francês, foi nomeado Primeiro Ministro em 1896.



Por gentileza do Museu Britânica

ESQUIMÓS NOS SEUS CAYAKS, ATACANDO UMA EMBARCAÇÃO INGLESA
Aquarela atribuída a John White



Por gentileza da Galeria Parker, de Londres

UM PIQUENIQUE EM MONTMORENCI

De uma coleção de seis litografias em cores, por C. Krieghoff

Durante sua administração, o Canadá prosperou a passos largos. Dos Estados Unidos e da Europa chegaram grandes levas de imigrantes. No ano de 1905, surgiram duas províncias novas—Alberta e Saskatchewan, no Distrito dos Territórios do Noroeste. Durante a campanha da África do Sul, em 1899, o Canadá mandou um contingente de tropas, inclusive a famosa Brigada de Cavalaria Strathcona, organizada e equipada por Lord Strathcona, Alto Comissário do Domínio, em Londres.

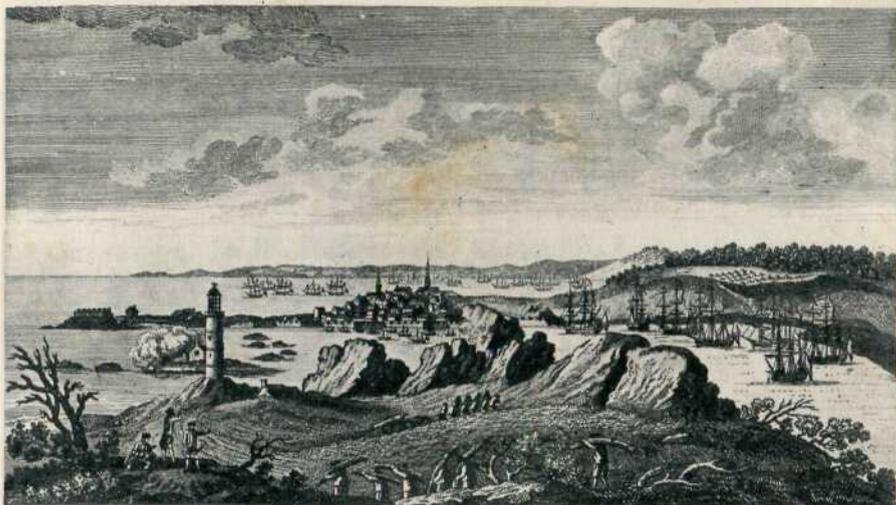
Em 1914, o Canadá lançou-se a outra grande aventura, lutando pela segunda vez ao lado da Grã-Bretanha. Os canadenses abandonaram seus lares e fazendas, suas atividades de caça e pesca, fecharam os seus negócios, grandes e pequenos, e acorreram ao apelo da metrópole, vindo para a Europa tão depressa quanto os navios podiam trazê-los. No ar, em terra e no mar, conquistaram fama imortal como lutadores. A segunda batalha de Ypres, na qual suportaram o primeiro ataque de gases na história da guerra; a batalha de Valenciennes e, sobretudo, a de Vimy demonstraram suas magníficas qualidades como combatentes. O respeito dos alemães pelos canadenses, como soldados, ficou provado por mapas apreendidos, dos quais se verificou que os alemães mantinham sempre um número maior de divisões, diante das trincheiras onde sabiam haver canadenses.

O Canadá veio agora pela terceira vez por-se ao lado da Grã-Bretanha. Nas batalhas já travadas, os filhos dos homens que lutaram em Ypres e em Vimy têm demonstrado que, em matéria de bravura, são feitos do mesmo estofa que seus pais.

Em 1926, reuniu-se em Londres a Conferencia Imperial, um século e meio depois de se haverem reunido em Filadélfia os colonos enraivecidos, cheios de ressentimentos, para definir suas relações com a Grã-Bretanha. A Conferencia Imperial estabeleceu que a própria Grã-Bretanha e as comunidades do Império que se governam a si mesmas "gozam de situação igual e não são de forma alguma subordinadas umas às outras, no que se refere aos seus negócios externos ou internos (embora unidas entre si por uma fidelidade comum à Coroa) e coexistem numa associação livre, como membros da Comunidade das Nações Britânicas."

E, assim, Jorge V, descendente de Jorge III, a quem coube a responsabilidade da perda de nossas colônias americanas, tornou-se o laço que manteve unido o Império de 1926. Cinco anos mais tarde, o Parlamento votou o Estatuto de Westminster, pelo qual a Grã-Bretanha renunciou a sua autoridade sobre o Canadá e sobre os outros Estados autônomos do Império, que se tornaram, por essa forma, nações completamente soberanas.

Este breve resumo da história do Canadá talvez sirva para mostrar como se processou a evolução do país, desde a amplidão de terras selvagens, onde o homem tinha núcleos precários, até a condição de potência soberana. Embora tenha sido invadido mais de uma vez, por homens do mesmo sangue, que vivem ao sul da fronteira, o Canadá não cultivava nenhum dos ressentimentos sombrios que há na Europa e mantém com a grande nação vizinha—os Estados Unidos—relações da mais proveitosa amizade. Ainda há pouco tempo, em 1940, o Canadá e os Estados Unidos instituíram em Ottawa um Conselho de Defesa Conjunta.



VISTA DE LOUISBOURG, EM 1758, DURANTE O CERCO DA CIDADE
Gravura da época, reproduzida para Carington Bowles

II

UM GOLPE DE VISTA SOBRE AS PROVÍNCIAS.

As províncias marítimas têm o encanto de todas as regiões praijeiras. Na Nova Escócia, por exemplo, nunca se está a mais de cinquenta quilómetros do bramido do mar. No vale de Annapolis, as silhuetas das macieiras carregadas de frutos se destacam de encontro ao azul das águas. Come-se excelente peixe e em todas as mesas há lagostas magníficas. A paisagem amena e as aldeias, com suas casas em volta da igrejinha, dão a impressão de uma Inglaterra transplantada para uma atmosfera mais clara e mais leve.

Os habitantes da Nova Escócia são predominantemente de origem inglesa ou escocesa. A prosperidade da província é assegurada pela abundância de carvão e ainda pela pesca e a cultura de maçãs. Em Halifax, fundada há duzentos anos passados, há um belo Palácio do Parlamento, que contém retratos preciosos dos vários reis Jorge, lareiras admiráveis e uma antiqüíssima biblioteca. O porto é um dos mais amplos e mais importantes do Império Britânico e a sua baía comprida e estreita oferece ancoradouro seguro para muitos navios.

Durante a Guerra dos Sete Anos, que acabou com a conquista do Canadá pelos britânicos, o Governo tomou a medida rígida de deportar todos os cidadãos franceses do distrito de Acadia, que, embora vivessem sob o domínio britânico desde 1713, ainda se mantinham fieis à França.



VISTA DAS QUEDAS DE CHAUDIÈRE, YUKON
Aquatinta de J. W. Edy, segundo G. B. Fischer

Em 1758, o Forte de Louisbourg foi capturado pelos ingleses e destruído. Era o mais poderoso dos baluartes franceses, em toda a América do Norte, e o custo da sua construção fora tão elevado que um dos reis da França indagou certa vez se as ruas eram calçadas a ouro. O espectro da Evangelina do famoso poema de Longfellow paira ainda sobre os campos da Nova Escócia e muitos turistas, que nunca se animariam a ler essa longa epopeia, admiram respeitosamente a estatua de Evangelina e compram cartões postais do jardim da casa onde ela viveu.

São João, em Nova Brunswick, está situada na Baía de Fundy, lugar temido pelos capitães de navios, devido aos seus nevoeiros prolongados, que tanto dificultam a navegação. Originou-se de uma colónia fundada pelos antigos conservadores que se mantiveram fieis à Coroa, por ocasião da independência dos Estados Unidos. A capital da província de Nova Brunswick é Fredericton, que conserva um encanto especial e uma atmosfera do século XVIII.

X A terceira das províncias marítimas é a Ilha do Príncipe Eduardo. Num país vasto como o Canadá, é interessante encontrar uma ilha-província de pouco mais de cinco mil quilómetros quadrados e uma população de umas noventa mil almas, cuja ocupação principal é a lavoura. Tem um Governador, que mora numa casa encantadora, e um Parlamento, que gere os negócios da província, nos mesmos moldes do Parlamento de Londres. Há alí uma das maiores fazendas do mundo, para criação de raposas e aproveitamento das peles. O solo é vermelho, como o de Devonshire. X

O viajante que sobe o São Lourenço interessa-se logo pelas faixas de terra cultivada que descem até o rio e pelas igrejas muito grandes, em desproporção com as aldeias pequeninas onde estão situadas. As igrejas de outros cultos se contentam em imitar o Gótico, mas as igrejas católicas dos canadenses franceses

têm uma individualidade que é só delas. Os campanários esguios e cor de prata refletem os raios do sol de inverno e parecem joias, perdidas no imenso estendal de neve.

O Canadá é decididamente o país dos contrastes e o viajante que chega a Quebec vê antiquíssimos carros de tração animal, lado a lado com os automóveis mais modernos e aero-dinâmicos. Os turistas acham um encanto todo especial em descer e subir perigosamente as ladeiras íngremes da cidade, encarapitados nessas velhas caleças.

A primeira impressão do viajante que chega à estação da estrada de ferro de Quebec é de se haver perdido e ter ido parar na praça principal de alguma cidade tipicamente francesa. O carro em que viaja toma de repente uma posição quase vertical, ao sair da praça, e num instante chega à parte alta de Quebec, donde se avistam as montanhas distantes e a amplitude do Rio São Lourenço.

As pessoas interessadas em paisagens e panoramas têm muito que ver, em Quebec. Entre muitos outros pontos de interesse, há o Convento das Ursulinas e o Hotel Dieu, fundado em 1639 pela Duquesa d'Aiguillon, sobrinha do Cardeal de Richelieu. Quebec atrai milhares e milhares de turistas americanos. Com exceção de Nova Orleans, é a única cidade do continente norte-americano, onde coexistem o passado e o presente. ✕

A residência oficial do Governador Geral, a *Cidadela*, está plantada bem no alto da penedia. Reúne todos os encantos de uma fortaleza e de uma casa de campo. A *Cidadela* está situada no centro do grande pátio do quartel, onde há retretas de uma banda militar e onde o 22.º Regimento Real (que esteve recentemente encarregado da guarda do Palácio de Buckingham) costuma apresentar armas e fazer as continências de estilo, enquanto as sentinelas passeiam de um lado para o outro. Os governadores do Baixo Canadá moravam anteriormente no Château Saint Louis, substituído pelo Château Frontenac, depois do incêndio que o destruiu. Do terraço da Cidadela, a vista é magnífica e estonteante: as águas volumosas do rio, as cadeias de montanhas ao longe e, bem em frente, do outro lado do rio, as casas da cidade de Levis e uma quantidade de campanários, que refletem a luz do crepúsculo. Para além, os contrafortes da serra ondulam suavemente, na direção da fronteira americana. À esquerda, vê-se um grande mastro, onde tremula a bandeira do Governador Geral, quando este se encontra na Cidadela, e em baixo, as águas do São Lourenço. Uma ponte liga a terra firme à Ilha de Orleans, no meio do rio. Nessa ilhota cheia de encantos, vêm-se bois puxando arados e mulheres fiando tecidos de velhos padrões tradicionais. As aldeias e o interior das igrejas dão a impressão de um mundo mais antigo e mais tranquilo.

Quebec é uma cidade francesa, com uma pequena população inglesa. Em tamanho, Montreal é a terceira cidade francesa do mundo. Da *Montanha*, isto é, do parque público que cerca a cidade, vêm-se cenários magníficos, ouve-se o borborinho das ruas e distingue-se um convento, os campanários das igrejas e os navios que se amontoam no porto movimentado.

A vida do campo, no Canadá francês, é austera, caseira e afanosa. Os habitantes locais falam um francês que vem do século XVII e em regra as famílias são enormes, de acordo com as tradições daquele tempo. Havia uns 60.000



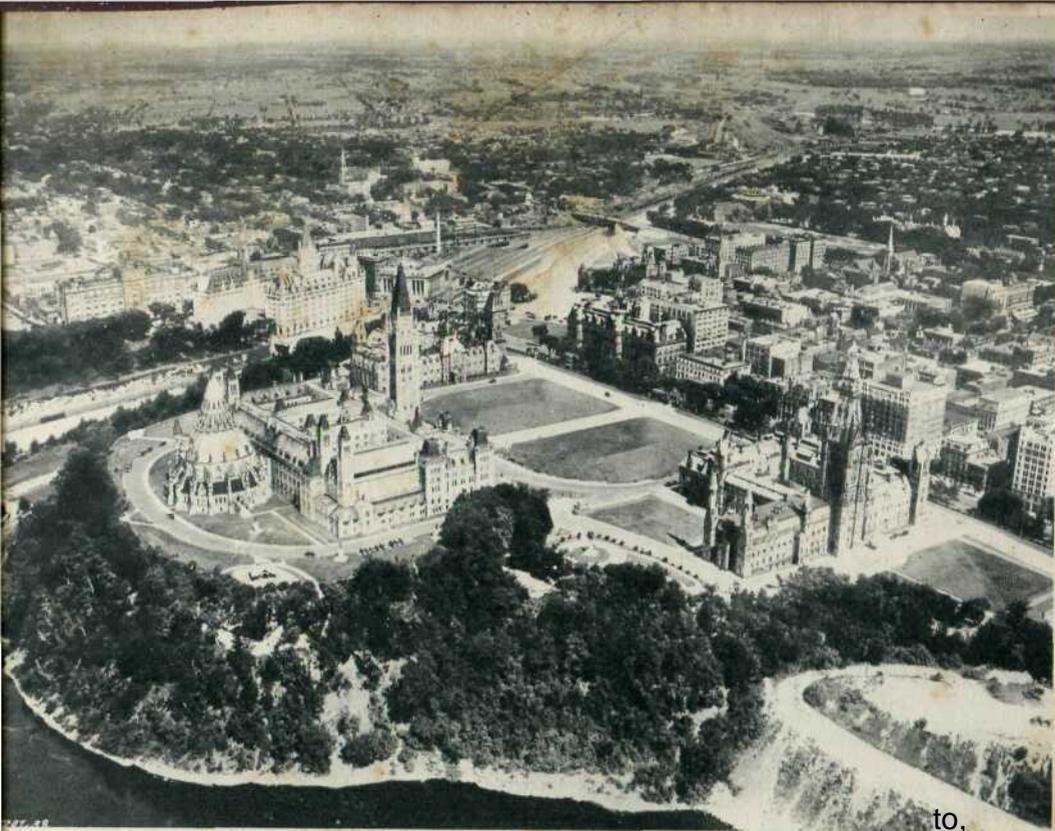
A CIDADELA DE QUEBEC

Gravura de Challis, segundo Bartlett, do livro "Canadian Scenery," publicado em 1842

habitantes, em 1763, quando o Canadá passou para a Grã-Bretanha. Agora, a população francesa se expandiu e chega a cerca de três milhões.

Não obstante a influencia da Igreja Católica Romana, cuja política é procurar desenvolver o apego à vida rural, tem havido entre as populações do campo uma certa tendência de migração para os grandes centros urbanos, principalmente Montreal, e são muitos os jovens que procuram emprego nas fábricas da Nova Inglaterra. Mas os canadenses franceses são em regra bons lavradores.

A província de Quebec tem cenários de beleza espetacular e possibilidades sem limites para a caça e a pesca. Parte da província continua inexplorada e há ainda grandes extensões totalmente desconhecidas. Produz peles de alto valor, além de madeiras e celulose para a fabricação de papel. Há um encanto todo especial em torno dessa província francesa, cheia de tradições históricas e com um carinho acentuado pela preservação da língua francesa e da antiga cultura. Os canadenses franceses adoram as cores vivas. Os lenhadores usam, para o trabalho, casacos de um azul vivo ou de um vermelho gritante e os tapetes fabricados na província têm padrões alegres e características que os distinguem dos tapetes fabricados em qualquer outro lugar. O mesmo acontece com as pequeninas figuras talhadas e coloridas em madeira, representando monges, freiras, ou os habitantes locais e suas mulheres. Mas, a despeito do amor que devota à língua francesa, o Canadá francês pouco se preocupa ou interessa pela França. Não pertence propriamente ao Velho Mundo, nem pertence de todo ao Novo Mundo, mas é uma região única e de um encanto indescritível.



to,

VISTA AÉREA DE OTTAWA

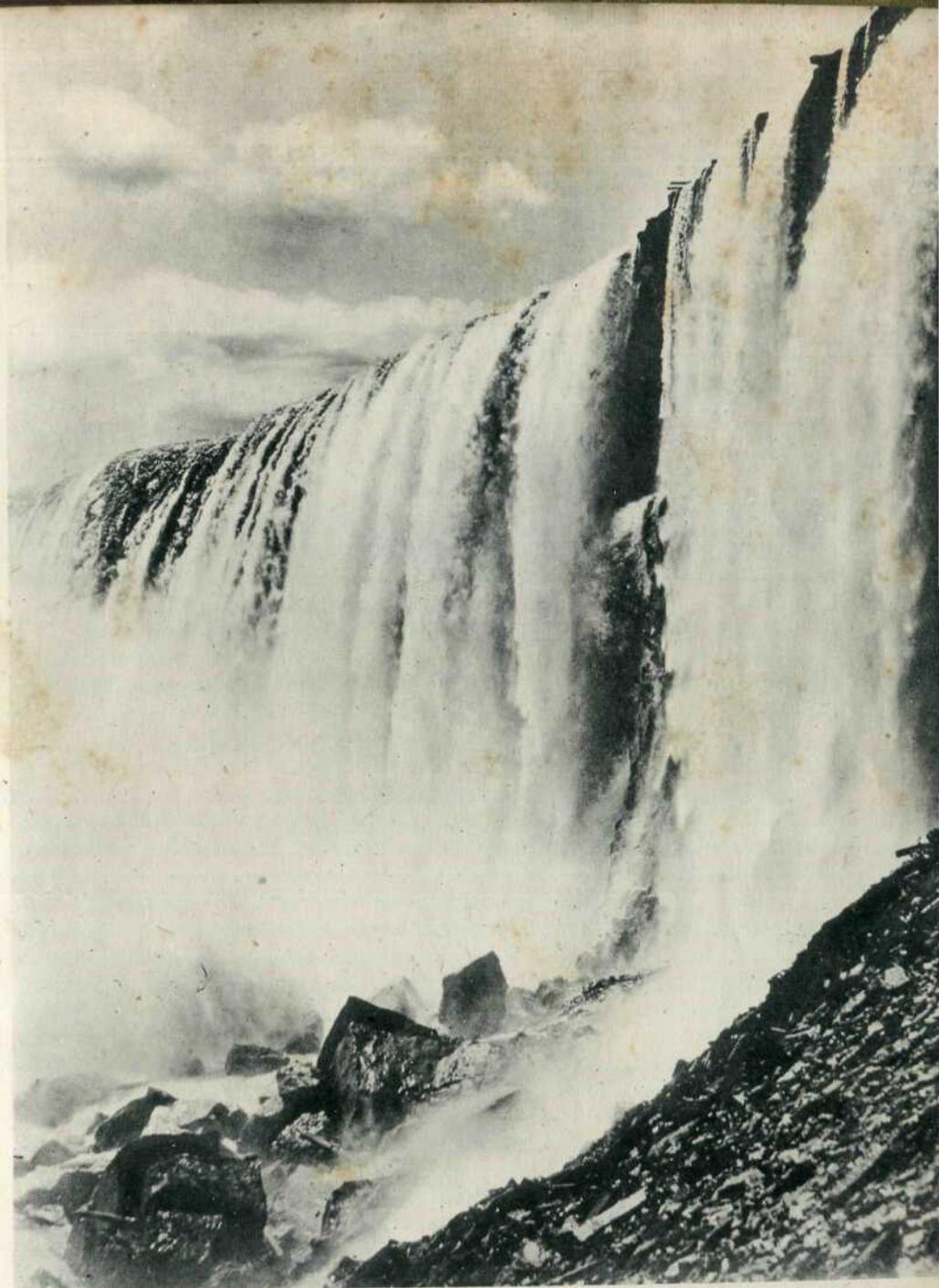
Mostrando as Casas do Parlamento do Dominio e o Castelo Laurier

✕ Ottawa, capital do Canadá, está situada na Província de Ontario, à margem do Rio Óttawa. Fica perto da Serra do Gatineau, cheia de lagos e bosques, que se estendem até as florestas selvagens do extremo norte. Vê-se a casa do Parlamento numa elevação, sobre o rio, defrontando a cidade francesa de Hull, na outra margem.

O Parlamento e o Senado se reúnem em Óttawa e o Governador Geral tem a sua residência oficial nos arredores da cidade, sob a guarda da Polícia Montada Canadense. ✕ *Rideau Hall* está cercada por um lindo parque, onde os esquilos brincam de esconder, correndo alegremente pela grama. Desde 1926, o Governador Geral não representa mais o Governo britânico, no Canadá. É escolhido pelo Canadá, mediante consulta com o Rei da Inglaterra, e é simplesmente o representante de Sua Majestade, no Dominio.

✕ O Alto Comissário Britânico, cujas funções são as mesmas do Alto Comissário Canadense, em Londres, tem também uma residência oficial em Óttawa, onde está a sede de todo o corpo diplomático. A população de Óttawa se compõe principalmente de funcionários públicos e, enquanto duram as sessões do Parlamento, a cidade vive cheia de senadores e deputados de todo o Canadá.

✕ Há em Óttawa uma galeria de arte, que contém uma admirável coleção de telas de velhos mestres, bem como quadros de artistas canadenses modernos.



CATARATAS DO NIAGARA
Parte canadense



O MERCADO DE PEIXE, TORONTO, ONTARIO, *circa* 1850
Pintura a óleo sobre *papier mache*, produzida por Jennens & Bettridge

Há também um museu excelente e um Arquivo precioso para os estudiosos da história canadense.

Os moradores de Ottawa podem transportar-se com facilidade e rapidez para o campo e para a solidão rural mais completa. No inverno, a paisagem iluminada de sol anima-se com a presença de gente vestida de cores vivas e alegres, praticando o *ski*. No outono, os habitantes percorrem a pé ou de automóvel os bosques do Vale do Gatineau, para admirar o contraste curioso das folhas bronzeadas com o tom purpurino dos morros e o azul safira dos lagos mansos.

Cerca de 60 por cento da população de Ontario é urbana. A província contém um terço da população total do *Dominio* e mais de metade da riqueza canadense. O Rio São Lourenço marca a fronteira de Ontario com os Estados Unidos, sendo a Baía de Hudson o limite norte da província. As Cataratas de Niagara, ruidosas, vastas e imponentes, atraem todos os anos verdadeiras multidões de turistas, enquanto que a Península de Niagara é o *paraíso* dos fruticultores. São excelentes os resultados da agricultura em Ontario, graças aos modernos métodos científicos adotados, e as fazendas lembram a tranquilidade repousante das propriedades rurais da Grã-Bretanha.

Há grandes florestas, na parte norte da província. No inverno, os trens correm por entre filas intermináveis de árvores com as raízes enterradas na neve e tem-se a impressão de que são árvores de Natal. De longe em longe, quebrando a monotonia da paisagem, vê-se um barracão de madeira, onde há sempre roupas acabadas de lavar, secando numa corda. Mas, nessa região curiosamente selvagem, já se encontraram muitos minerais valiosos e o desenvolvimento da mineração, no norte de Ontario, surpreendeu o mundo. Continuam, sem interrupção, as pesquisas para a descoberta de novas minas.



KINGSTON, ONTARIO, *circa* 1850
Pintura a óleo sobre *papier mache*, produzida por Jennens & Bettridge

Em contraste com a solidão longínqua das partes mais setentrionais do *Dominio*, vamos encontrar em Toronto uma cidade com uma grande universidade, lojas, refinadas e magníficos edifícios públicos. A aparência de Toronto é americana, mas no fundo a cidade é profundamente britânica. Kingston, Hamilton e muitas outras cidades da Província de Ontario têm um ar de cidades antigas e tradicionais. Há também inúmeras aldeias, cortadas de alamedas de árvores copadas, e, no outono, as folhas cor de ouro formam um contraste agradável com o vermelho maduro das casas de tijolos.

Entre Ontario e os Estados Unidos, ficam as vastas superfícies de água doce dos Lagos Superior e Huron, dois dos cinco elos na cadeia dos chamados Grandes Lagos. A época em que são navegáveis é determinada pela abertura e fechamento do Canal de Sainte Marie e dura cerca de oito meses. Todo o trigo cultivado nas pradarias é embarcado para leste através de Port Arthur e Fort William, dois portos próximos um do outro. São cidades agradáveis e é tanto o trigo nelas armazenado, depois de uma boa colheita, que se tem a impressão de que os seus depósitos vão estourar.

Nos Grandes Lagos não há marés, mas os ventos fortes da primavera e do outono às vezes provocam tempestades perigosas, agitando as águas habitualmente serenas. Esses grandes lagos interiores dão uma impressão mais forte de imensidão do que o próprio mar. A vista se perde em todas as direções, percorrendo as suas águas tranquilas e claras, que aparentemente se estendem até o infinito.

De Ontario, chega-se às províncias da planície. Winnipeg fica no centro do continente norte-americano, no *círculo do trigo*. Há os grandes edifícios do Parlamento e a sede da Companhia da Baía de Hudson. A prosperidade de Winnipeg aumenta ou diminui, conforme aumenta ou diminui a prosperidade dos planta-



CEIFADORAS DE TRIGO, NUMA FAZENDA
Alberta

dores de trigo, na zona das planícies. Uma visita à Bolsa de Trigo é um espetáculo incompreensível para o não iniciado. Homens aparentemente enfurecidos gesticulam e berram, numa linguagem que parece estrangeira. Mas sempre foi assim que se vendeu e comprou trigo, desde a fundação de Winnipeg.

Há pessoas que acham monótonas as pradarias, mas quem gosta de apreciar espaços imensos, sob a cúpola infinita do céu, não se cansa de admirar as suas ondulações intermináveis, seja no inverno, quando a neve recobre tudo, ou pouco antes da colheita, quando as espigas altas balançam ao vento, até onde a vista alcança. * Os habitantes dessa zona raramente pensam em emigrar para qualquer outra região do Canadá. Qualquer outro lugar lhes parece opressivo e acanhado, em comparação com os espaços rasgados onde sempre viveram. O preço do trigo é o fator determinante da prosperidade ou da penúria desses homens. Os lavradores, com suas mulheres, levam vidas de trabalho árduo e incessante e às vezes uma seca, uma geada ou uma praga de gafanhotos vêm trazer-lhes miséria e desastre. Mas os homens das pradarias são uma raça viril e extraem da vida todo o prazer que a vida pode oferecer-lhes, mesmo nos tempos árdus e difíceis. Muitas das inteligências mais vigorosas do Canadá vêm das pradarias.

A vida dessas províncias, no verão, está centralizada em torno do drama absorvente do crescimento e da colheita do trigo. O fazendeiro das pradarias e todos que trabalham na fabricação de suas ferramentas e meios de produção mourejam

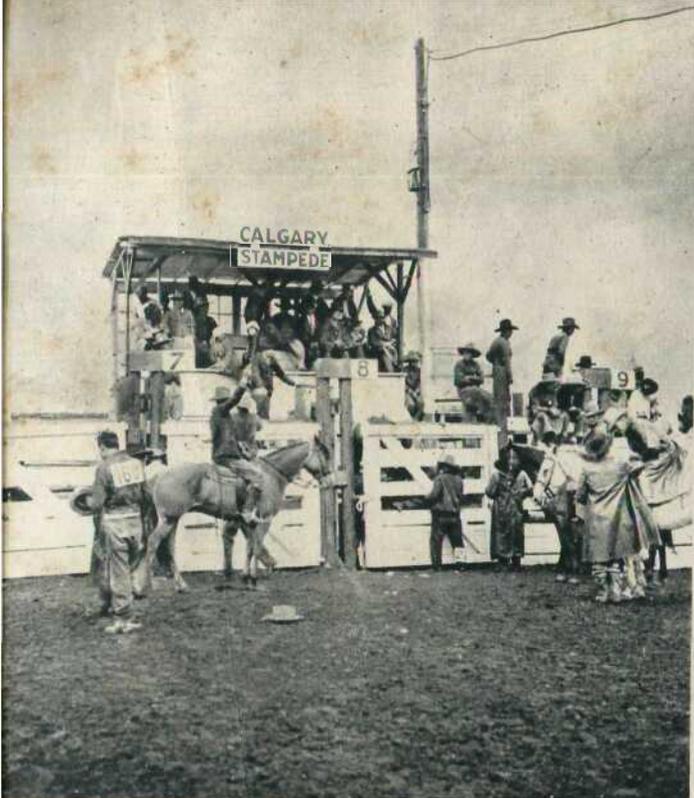


ELEVADORES DE TRIGO EM PORT ARTHUR, NO LAGO SUPERIOR
Ontario

dia e noite, desde o começo da primavera, até os dias sensacionais de agosto, quando o trigo será cortado, enfeixado e debulhado, se o sol e as chuvas tiverem sido favoráveis. Caso tenha falhado a colheita, ou caso tenha caído o preço, o lavrador vê-se diante de um longo inverno, entregue aos seus próprios recursos para viver e divertir-se. Se a safra foi boa e os preços favoráveis, o fazendeiro poderá dispor de recursos para viajar com a sua família, para o sul ou para oeste, em busca de lugares de clima mais ameno, onde passar o inverno.

Alberta ocidental, nos contrafortes das Montanhas Rochosas, é a região das grandes fazendas de criação. A vida ali é mais pitoresca e menos mecanizada do que em qualquer outra parte do Domínio. É uma zona de grandes pastagens, onde a vida é movimentada e alegre no verão e desesperadamente árdua, no inverno.

As duas cidades da Província de Saskatchewan—Regina e Saskatoon—são agora centros de grande importância. Calgary, na Província de Alberta, é também uma grande cidade, que numa geração evoluiu de um amontoado de barracões de madeira para um centro urbano moderno, com uma população de cem mil habitantes. O famoso Rodeio de Calgary, que se realiza todos os anos, é um espetáculo impressionante. Vem gente de todos os pontos da América do Norte e ali se reúnem índios de todos os tipos, com as mulheres e os filhos; montanheses; fazendeiros vestidos com roupas surradas e perneiras de



O RODEIO DE CALGARY
Alberta

couro ; *cowboys*, ostentando chapelões de 40 litros, homens e mulheres bem vestidos e uma multidão variada, que faz do Rodeio uma festa de alegria e encanto. Os índios se preparam para esse Rodeio durante o ano inteiro e a tribo local vem incorporada, montando cavalos de sua própria criação.

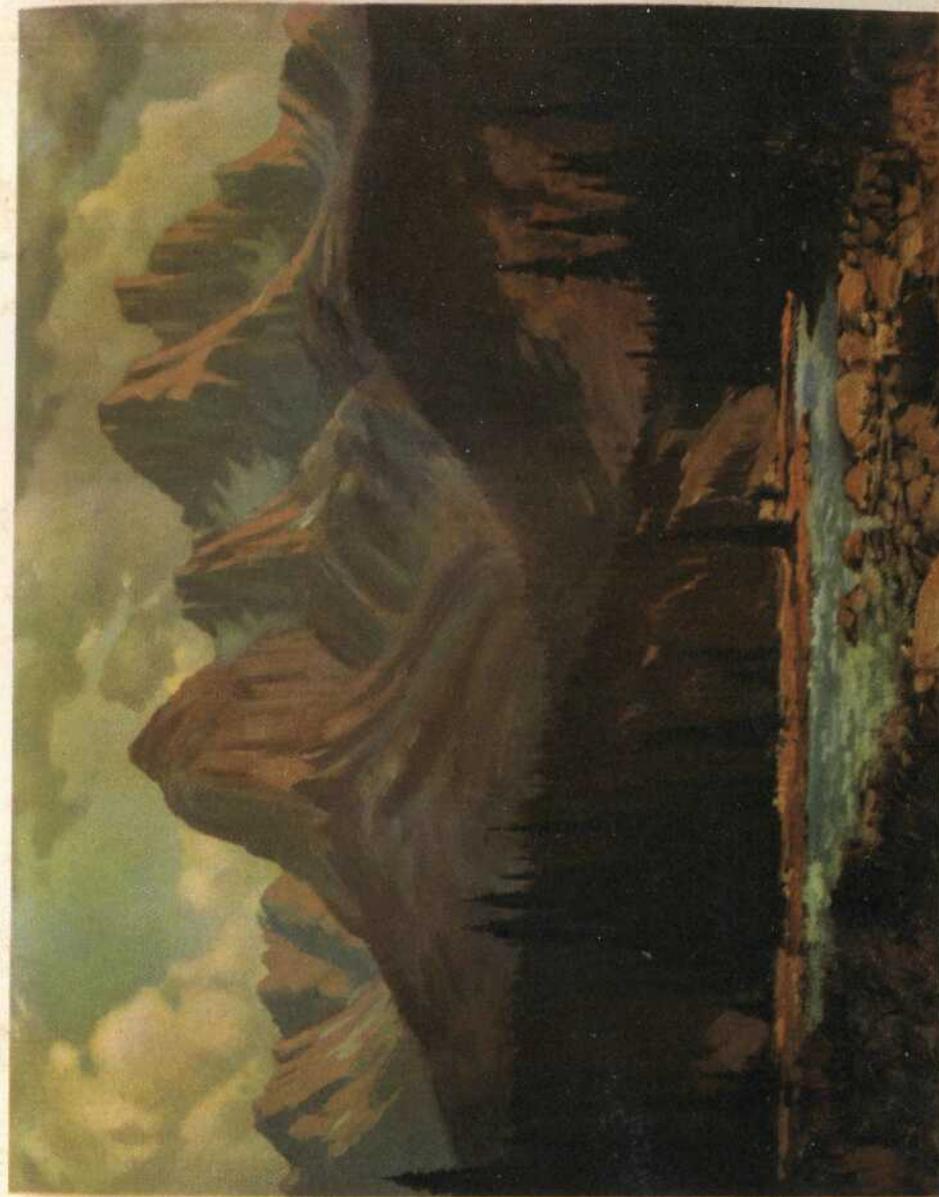
Edmonton, ao norte de Calgary, é uma cidade que está crescendo rapidamente. É considerada o portão do norte, por onde passarão tesouros de minerais, trigo e petróleo. Ao norte da Província de Alberta, fica a região do Rio da Paz, que se estende até a Columbia Britânica. Chama-se a "terra do começado-outra-vez," devido ao grande número de habitantes das planícies assoladas pelas secas e de nacionais dos países

superpopulados da Europa, que ali se vão instalar, para recomeçar a vida. As safras são magníficas e as flores têm uma coloração de brilho extraordinário, graças às longas horas de sol, durante o verão.

A Província de Alberta tem dois parques nacionais de grandiosa beleza, muito procurados como estações de recreio. Jasper é um paraíso para os que gostam de observar a vida selvagem, em condições do mais completo conforto. Os veados e os ursos passeiam livremente pelos bosques do Parque, penetram despreocupados nos campos de *golfe*, nos dias mais quentes, os ursos muitas vezes abrem os esguichos de irrigação dos jardins e refrescam-se gostosamente. Não são ferozes, não atacam nem incomodam ninguém, a menos que sejam irritados. Mas muitas vezes assaltam as dispensas, nos acampamentos dos turistas, ou furtam cestas de comida deixadas nos automóveis. Acima de tudo, adoram espojar-se em montões de cinza junto do hotel, ou explorar os restos de comida. Às vezes, vêm-se dois ou três, raspando latas de compota e devorando tudo que encontram de gostoso.

É muito fácil subir de Jasper até um dos lagos, para dali ver de perto os picos das Montanhas Rochosas, como silhuetas negras contra o céu claro.

Tanto se tem falado sobre as Montanhas Rochosas que parece inútil acrescentar mais um tributo de admiração à sua beleza magnífica e espetacular. A medida que o trem sobe, desce, serpenteia, as Montanhas Rochosas se apresentam ao

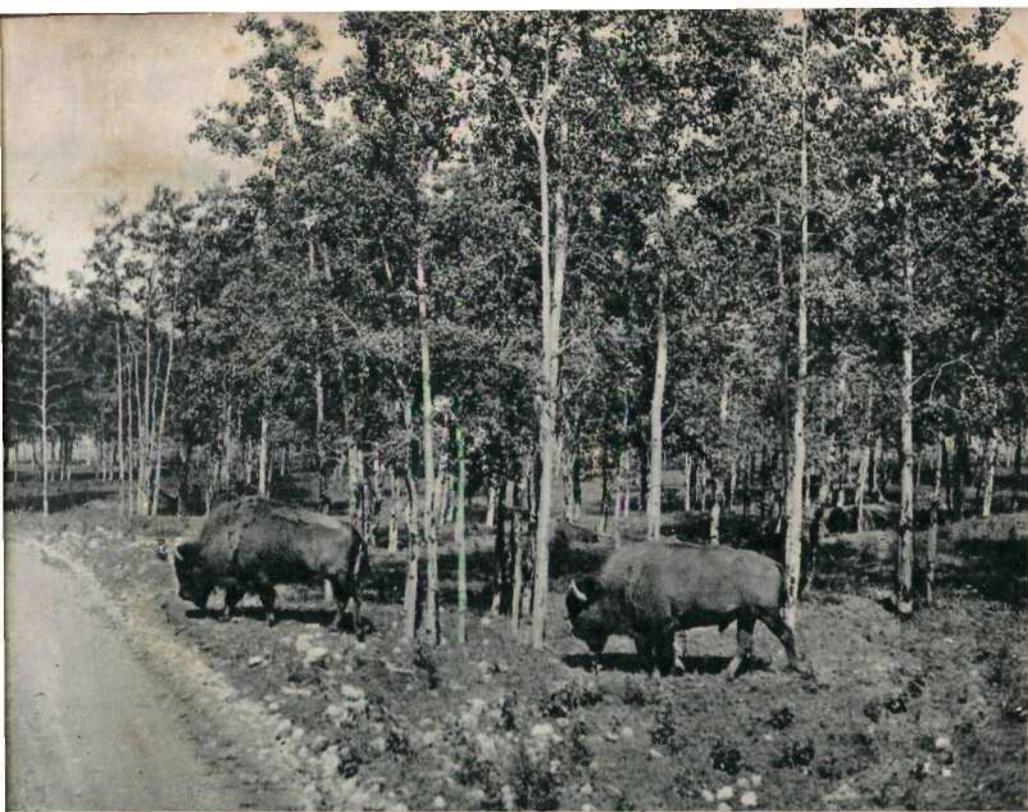


Por gentileza do Rt. Hon. R. B. Bennett

AS TRES IRMAS—NAS IMEDIACOES DE BANFF, ALBERTA

Quadro a óleo de R. Gissing

IMPRENSA NACIONAL
Biblioteca do Serviço Social

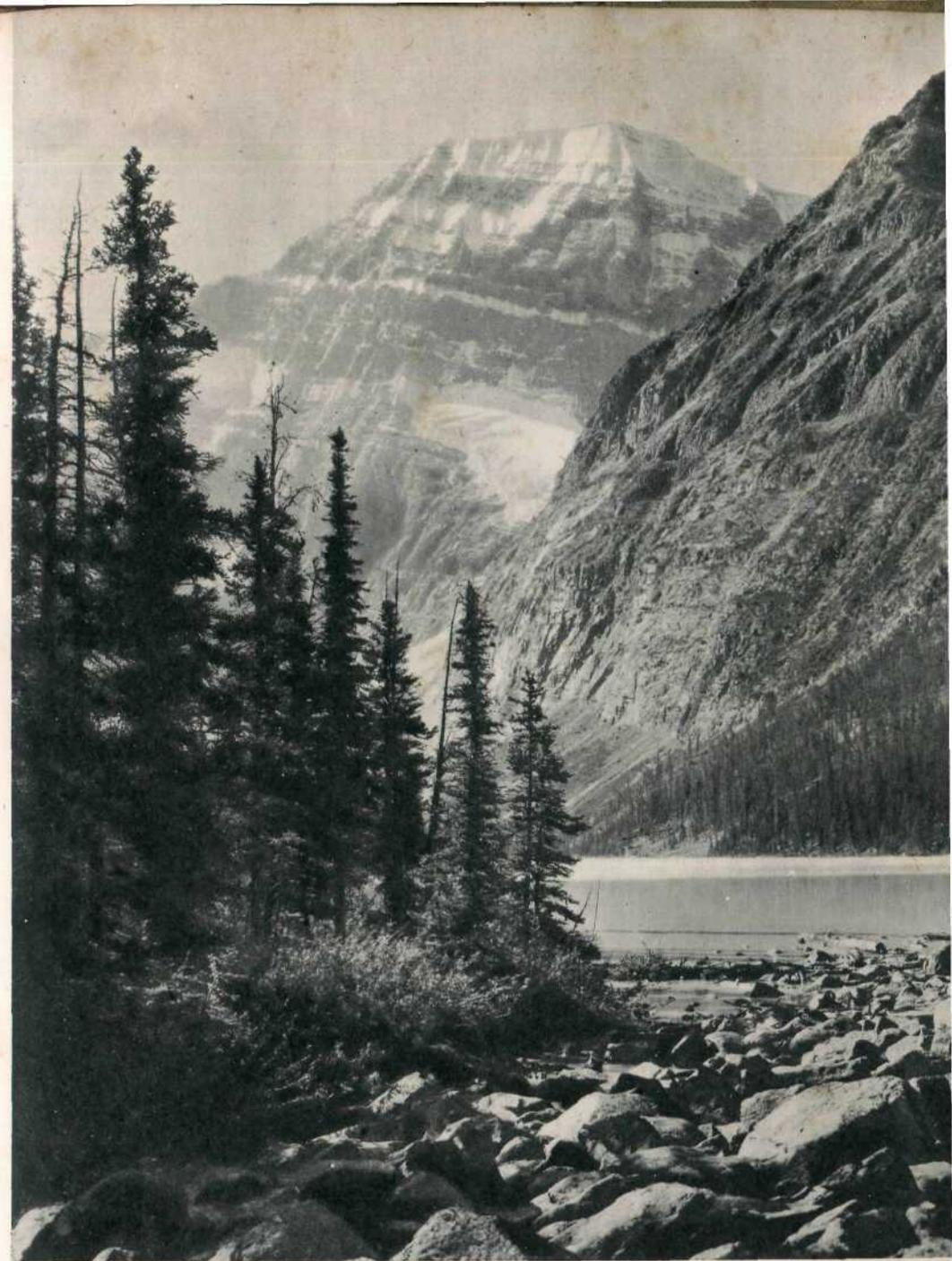


UM BISÃO NO PARQUE NACIONAL DE BANFF
Alberta

na ilha e o Plateau Proibido, cujo nome se origina de uma lenda índia, ainda não foi completamente explorado. A não ser uns poucos acampamentos de lenhadores, a extremidade norte da ilha é quasi deshabitada.

Um dos aspectos mais notáveis da Ilha de Vancouver são os seus grandiosos pinheiros Douglas, que despertam o entusiasmo de todos os apreciadores de arvores e cujos troncos vermelhos se projetam para o céu, a grande altura. A famosa Furna da Catedral dá uma impressão de dignidade imensa e, nas sombras esbatidas, sob as árvores, parece que se caminha num templo ao ar livre. A Estrada de Malahat deixa ver baías e ilhotas que se sucedem umas às outras, a cada volta do caminho. Quem passe um dia a bordo de um *yacht* tem ocasião de ver ilhas de todos os tipos e tamanhos. De Victoria, através do estreito, avistam-se Port Angeles e Seattle e as grandiosas Montanhas Olímpicas, cujos picos cobertos de gelo rebrilham à luz do sol, como diamantes. A vista muda a cada instante e é na verdade um dos milagres do mundo.

A costa do Pacífico apresenta contrastes curiosos. Foi colonizada em grande parte por homens vindos da Inglaterra e, na mais exótica e tropical de todas as províncias canadenses, encontram-se peças inteiras, cujo mobiliário foi todo trazido de alguma casa de campo da Inglaterra e onde são reproduzidos rigorosamente a cozinha e os costumes ingleses. Qualquer tentativa para descrever a Columbia



MONTE EDITH CAVELL, PARQUE NACIONAL DE JASPER
Alberta



VANCOUVER
Columbia Britânica

Britânica importaria numa serie de louvores, que mais convêm às páginas de um guia de turismo. Nas vizinhanças de Vancouver, pratica-se o *ski*, mesmo no verão, bastando para isso tomar um automóvel e fazer um percurso de poucos quilômetros, mas quasi na vertical. Na mesma tarde, pode-se descer para um banho de mar no Pacífico. Pode-se ainda jogar *golf* em Oak Bay, num campo que o oceano banha por três lados, ou passeiar de barco, por entre a infinidade de ilhotas do golfo. A Ilha de Vancouver tem um encanto mais íntimo do que qualquer outra parte do Canadá. A vida se move numa cadencia mais moderada e é por isso que muita gente que se aposenta ou se retira dos negócios vai acabar ali os seus dias, num ambiente de paz e de beleza.

A Columbia Britânica foi descoberta, em 1774, por um espanhol de nome Perez. O Capitão Vancouver explorou o litoral, entre 1792 e 1794, aproximadamente ao tempo em que Alexander Mackenzie chegava àquelas paragens. Durante vinte e oito anos, a Companhia da Baía de Hudson governou essa região, aliando o despotismo à tolerância. Em 1849, a Ilha de Vancouver tornou-se uma colônia britânica e, em 1858, depois da descoberta do ouro, houve grandes migrações para o continente. No ano de 1866, a Columbia Britânica e a Ilha de Vancouver se uniram e passaram a formar, juntas, a colônia que conservou o nome de Columbia Britânica. Em 1871, a Columbia Britânica entrou para a confederação e passou



MOURÕES ESCULPIDOS E ESTACAS TOTÊMICAS DOS ÍNDIOS HAIDA
Ilhas da Rainha Carlota

a fazer parte do **Dominio do Canadá**, mandando para o Parlamento, em Ottawa, seus senadores e deputados.

As tribus de índios da Columbia Britânica têm uma historia interessante e uma arte característica, que chega ao grotesco, nos altos postes totêmicos e no simbolismo curioso das arcas lavradas e dos estranhos trabalhos de agulha. Mas cada detalhe dos desenhos tem uma significação própria e conta ao iniciado uma historia sugestiva, expressa em poucos traços.

A provincia é muito rica em pesca. Para não falar senão no Rio Fraser, há ali enormes quantidades de salmão, que é em grande parte enlatado e exportado para a Grã-Bretanha e para os Estados Unidos. As madeiras da Columbia Britânica são muito procuradas e há, na provincia, grande variedade de pinheiros e muito cedro. A terra é boa para a lavoura e a agricultura floresce, tanto na Ilha de Vancouver quanto no continente. Devota-se um cuidado especial à fruticultura, principalmente no Vale de Okanagan, onde se cultivam maçãs, ameixas e cerejas.

A cadeia de montanhas que corre paralela ao mar tem grande beleza e oferece magnífica variedade de cenários. De Bella Coola até o lugar chamado Prince Rupert, o vapor navega ao longo de fiords que sugerem o litoral norueguês. Aliás, grande parte dessa região foi colonizada por noruegueses e, diante de uma magnífica



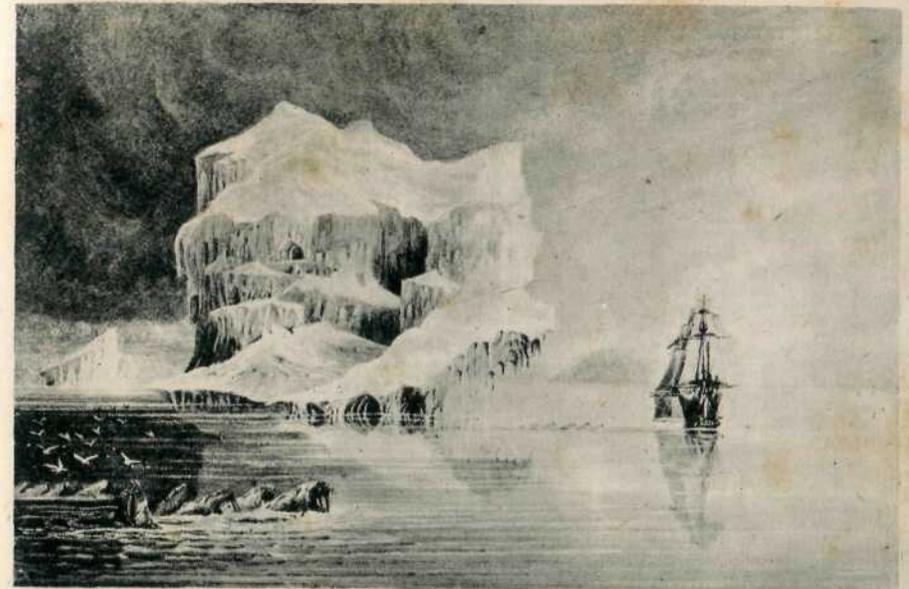
FAZENDA DE UM COLONO
Aquarela de C. Krieghoff

refeição norueguesa, numa casinha de madeira cheia de todos os encantos nórdicos, é difícil alguém imaginar que está no litoral do Pacífico e não no Mar do Norte.

A Columbia Britânica se limita, ao norte, em parte pelos territórios de Yukon, famosos pela febre do ouro que atraiu multidões para as minas do Klondike, em 1896, ao tempo em que os homens enriqueciam da noite para o dia e a cidade de Dawson viveu todos os extremos de riqueza e miséria. Ao contrário da Columbia Britânica, que tem um clima marítimo, Yukon tem invernos rigorosos, que chegam a durar sete meses. Em compensação, o verão é quente e cheio de sol,

Os Territórios Setentrionais do Canadá ocupam espaços imensos e penetram pelo Círculo Ártico. Grande parte desses territórios continuam inexplorados. Aklavik tem um hospital, uma igreja e um hotel e várias das minas estão cercadas por núcleos de população. É sempre possível introduzir um certo conforto na vida dessas paragens remotas do norte, que só a radiofonia veio ligar ao resto do mundo. O desenvolvimento do norte canadense depende muito do avião, que pode proporcionar a essas regiões um progresso com o qual nem sequer se poderia sonhar, há trinta anos passados. Algumas das minas do norte já recebem seus maquinismos por avião; os doentes em estado grave são transportados de avião para o hospital mais próximo, onde possam ser socorridos, e até o gado viaja às vezes por via aérea. Nos dias de hoje, o Canadá já conta com um movimento de fretes aéreos mais volumoso do que qualquer outro país do mundo.

No norte, da Groenlândia ao Alaska, vivem tribus de esquimós. Fisicamente, os esquimós são baixos, atarracados, rostos largos. São por natureza alegres e



VISTA DAS REGIÕES ÁRTICAS
Aquarela de Sir George Back, circa 1838

francos. A arte nativa consiste em talhar figuras de homens e animais nas presas de marfim dos *walrus*, espécie de foca de grandes dimensões. As mulheres ornaram suas roupas com aplicações de contas e missangas. Os esquimós têm uma atração especial pela mecânica. Corre a lenda de que um esquimó ganhou de presente um relógio de ouro. Nunca tinha visto tal coisa em sua vida, mas desarmou o relógio, peça por peça, e depois armou-o de novo, tudo num espaço de vinte e quatro horas. Os motores Diesel e outros tipos de motores num instante se tornam livros abertos para os esquimós. O seu meio de vida é colocar armadilhas para obter peles de animais e pescar ou caçar baleias e focas. Raramente tomam banho e usam roupas de peles ou de couro. Para uma moça esquimó, a condição para casar depressa é manejar bem a agulha. Em grande parte graças à sabedoria política da Companhia da Baía de Hudson, os esquimós escaparam ao tráfico do álcool e aos aspectos mais baixos da civilização. Achem graça em tudo e têm a impressão de que as pessoas que se enfurecem e se entregam a acessos de cólera são loucas e deveriam ser metidas em buracos abertos no gelo. Têm uma resistência extraordinária e viajam quilômetros e quilômetros através do gelo e da neve, em trenós puxados por cachorros.

Os animais da parte mais setentrional dos Territórios de Noroeste são em regra animais de peles valiosas. Em Thelon e em Ellesmere, há um gado especial—os bois almiscarados—e, no verão, grandes bandos de patos, gansos selvagens e outras aves de arrição vêm passar os meses mais quentes nas amplidões desertas do norte.

III

O REGIME DE VIDA, NO CANADÁ.

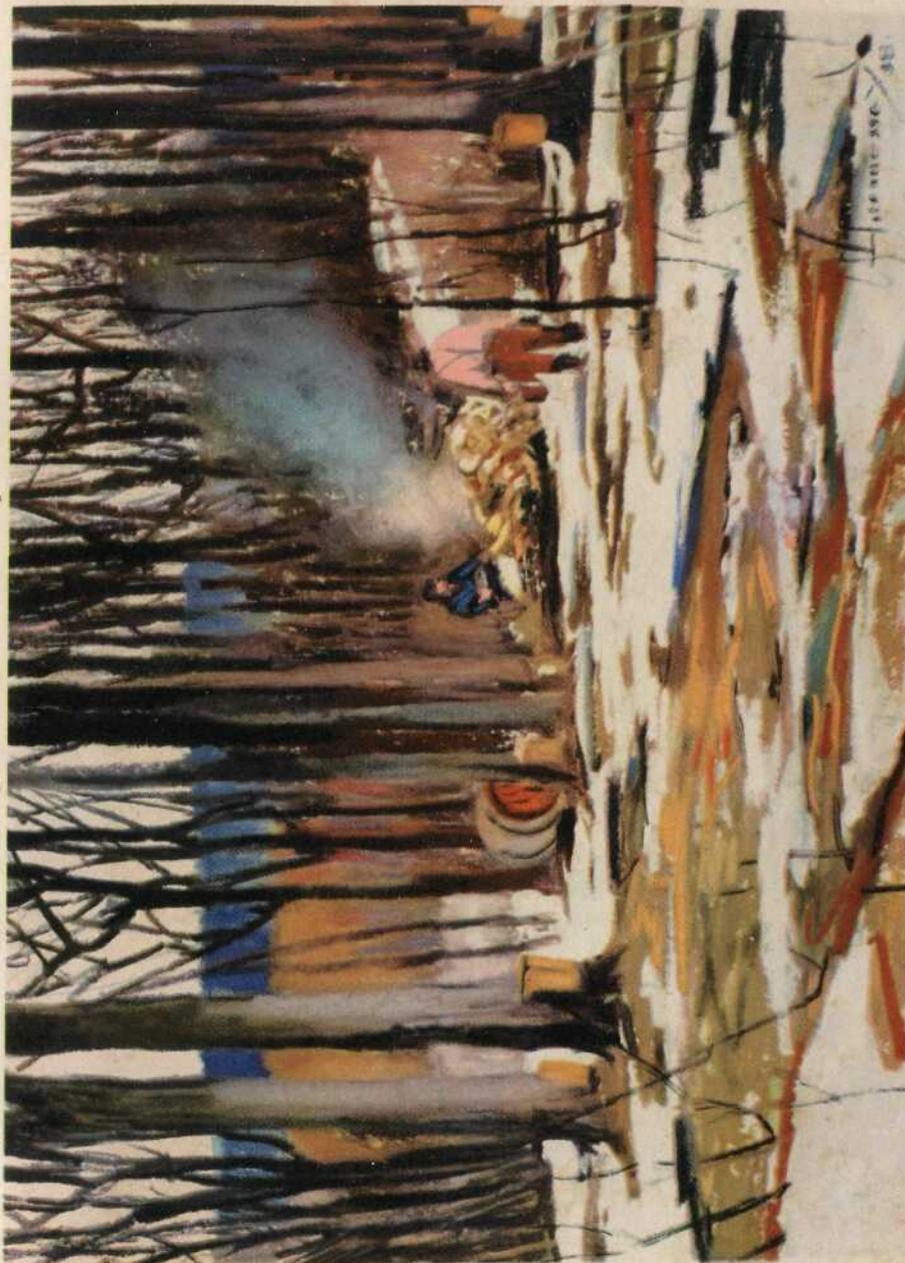
É difícil fixar as diferenças exatas entre os regimes de vida das diversas nações, porque, embora essas diferenças resultem principalmente de situações económicas e geográficas diversas, há ainda uma serie de outras influencias mais sutis.

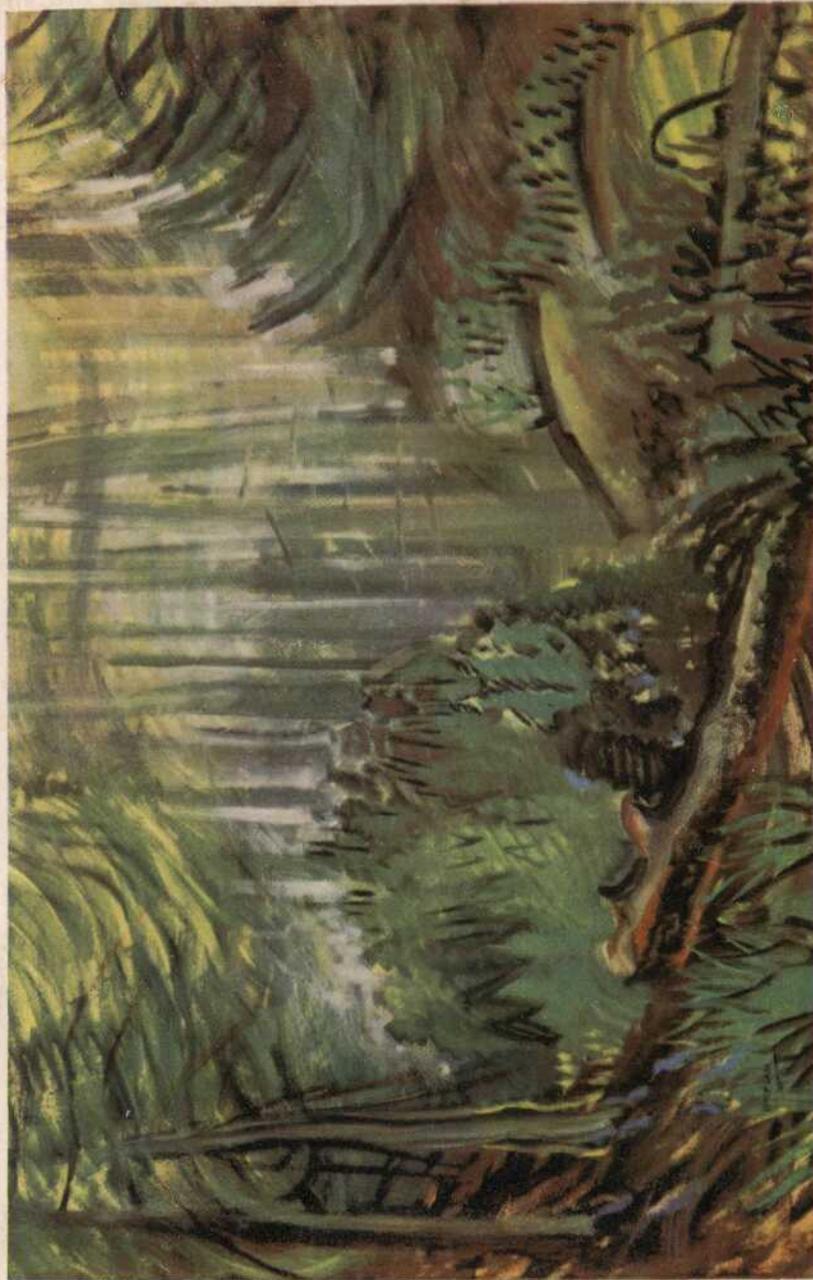
Os canadenses se ufanam de combinar, da melhor maneira possível, o que há de melhor no Velho e no Novo Mundo. Dizem que absorveram o que há de vigoroso e progressivo no pensamento americano e no desenvolvimento material da América do Norte, ao mesmo tempo que preservam tudo que se enquadra na herança solene e valiosa de seus antepassados franceses ou ingleses. E em grande parte têm razão. O progresso científico está mais difundido no Canadá do que na Inglaterra e há ali mais facilidade e menos constrangimento nas atitudes democráticas. Por outro lado, nas universidades, nas profissões liberais e na vida pública, os costumes e métodos lembram o regime menos apressado e mais sóbrio de seus equivalentes ingleses.

Os ingleses e os americanos que visitam o Canadá têm a impressão curiosa de estarem ao mesmo tempo voltando para suas terras e visitando um país estrangeiro. O inglês reconhece a sua bandeira, desfraldada nos edificios públicos, e encontra as mesmas denominações para cargos e serviços nacionais e municipais. Além disso, sente-se ligado ao canadense por um laço de fidelidade comum à Coroa. Mas espanta-se, quando vê as dimensões dos trens e dos edificios, ou quando ouve expressões americanas, substituindo as que se usam na Grã-Bretanha. Enquanto isso, o americano que atravessa a fronteira ouve a mesma giria de sua terra, vê os mesmos filmes, a mesma arquitetura e o mesmo género de agricultura, mas acha esquisito e incompreensível um país que considera a sua fidelidade à Coroa britânica um dever mais alto do que a fidelidade devida ao seu próprio Governo eleito e que organiza seu Exército, sua Marinha e seus serviços públicos de maneira tão semelhante e ao mesmo tempo tão diversa da dos americanos.

Num país vasto como o Canadá, onde as distancias são vencidas com dificuldade, é impossível fazer generalizações sobre a forma por que o povo trabalha e se diverte.

Nas cidades das Provincias Marítimas, a vida corre macia e lenta, muito à feição do regime de vida das cidades inglesas do século passado, especialmente aquelas onde as grandes catedrais imprimiam aos hábitos humanos um feitiço mais repousante e mais austero. Por outro lado, no verão, os rios mais piscosos do mundo e um litoral que se presta a todos os tipos de esportes náuticos oferecem diversões magníficas. Montreal e Toronto combinam todos os divertimentos das grandes cidades com uma intensa vida intelectual e um grande movimento universitário. Ao passo que, nos distritos rurais de Quebec, há uma atmosfera que nada tem de comum com a Inglaterra, nem com os Estados Unidos, a vida rural de Ontario é muito semelhante à de uma grande fazenda inglesa. A grande diferença entre a vida urbana, no Canadá oriental, e tudo quanto existe na Inglaterra,





Por gentileza da Autora

UMA FLORESTA DA COCÓNICA
Aquarela de 
WIR



SOLDADO DA POLICIA MONTADA- EM PATRULHA NO PARQUE NACIONAL DE BANFF Alberta

ou no continente europeu, com exceção da Suíça, é que os prazeres do campo estão ao alcance de todos, mesmo das camadas mais pobres da população. Durante o inverno, as encostas cobertas de neve dos montes Laurentians e a cadeia interminável de lagos tornam acessíveis a todos a patinação sobre o gelo e a prática do *ski*.

2

Os nomes da Polícia Montada do Canadá e da Companhia da Baía de Hudson são conhecidos até dos que nada mais sabem sobre o Canadá. A Polícia Montada tem um lugar destacado na vida canadense. É a guardiã vigilante da lei e da ordem e poucos são os criminosos que conseguem escapar à sua perseguição, ainda que seja preciso procurá-los, durante anos seguidos, em toda a extensão do vasto território. São homens que cruzam o país inteiro e por toda a parte se conhecem as suas fisionomias graves, os seus chapéus característicos e as túnicas vermelhas que se ajustam perfeitamente às suas compleições atléticas.

A Companhia da Baía de Hudson, que, como vimos, mergulha raízes profundas no passado, tem agora os seus escritórios centrais em Londres. Mantém ainda

41



DERRUBADA DE ÁRVORES—DESGALHAMENTO
Gravura de ClardLeighton

A adaptação de toda essa gente ao novo ambiente é em geral maravilhosa. Os ucranianos e os escandinavos encontram condições de vida que não se distanciam muito das de seus países de origem. Não os impressiona a necessidade de penetrar em densas florestas, derrubar árvores e, com essas árvores, construir casas que os abriguem. Já um colono das Ilhas Britânicas se horrorizaria com a ideia, imaginando talvez encontrar uma linda casinha pronta, à sua espera. O longo inverno não é pior do que o das terras que deixaram e a baixa temperatura não lhes é penosa.

Os colonos estrangeiros em regra demoram algum tempo para aprender o inglês. As crianças aprendem a língua com mais facilidade, nas escolas, e são elas que muitas vezes aproximam os pais da vida da comunidade. A influencia de tantas nacionalidades diversas resultou numa grande variedade de religiões, no Canadá. Há muitos adeptos da Igreja ortodoxa grega e algumas seitas de ritos estranhos, como os Dukhobors, os Mennemitas, os Hutteritas e os Mórmons.

Os escandinavos e os colonos da Europa Central trouxeram para o Canadá a sua arte nativa e alí encontraram ambiente propício para as suas canções e os seus labores. Estou certa de que ha de surgir, no Canadá Ocidental, uma arte derivada da Europa Central, com características canadenses bem definidas. Como exemplo, posso citar alguns panos de mesa, que tenho em meu poder. O bordado, feito por uma colona russa, representa uma alta espiga de trigo do Canadá e combina o encanto da arte europeia e canadense. A música floresce entre os canadenses



DERRUBADA DE ÁRVORES—TRANSPORTE
Gravura de Clare Leighton

e as suas orquestras e os seus coros ainda não de impor-se à admiração do mundo. Esses homens e mulheres que estão ajudando a construir o Dominio do Canadá têm um amor profundo pela nova pátria e uma gratidão permanente pela boa acolhida que aí encontraram.

5

O Canadá está desenvolvendo depressa a sua vida artística. As orquestras francesas e inglesas têm sempre um público enorme e os pintores canadenses revelam grande sensibilidade para a mágica da paisagem de inverno. Souberam absorver e exprimir as sombras e volumes dos montes e penhascos cobertos de neve, onde se espetam pinheiros escuros, em contraste com a alvura imaculada da paisagem. Jackson, por exemplo, tira muito partido desses aspectos do inverno canadense : um grupo de casas com cercas quasi sumidas dentro da neve e, no fundo, as linhas indefinidas da serra. Coborne e Hennessey também pintaram cenas vívidas de inverno, nas quais se destaca sempre um trenó, guiado por um lavrador vestido de cores vivas. As deliciosas ilustrações de Cagnon, para *Maria Chapdelaine*, reproduzindo cenas da vida dos antigos colonos franceses da parte norte de Quebec, adquirirão um valor cada vez maior—tanto do ponto de vista histórico, como do artístico—à medida que se for tornando mais remota a época em que prevaleceu o género de vida que representam. Emily Carr pinta as sombras



CABEÇA DE UM ÍNDIO SQUAW
Desenho a *crayon* por N. de Grandmaison

esbatidas das florestas da Columbia Britânica e o grotesco cheio de vida dos tótemes. Grandmaisoa tem a seu crédito magníficos estudos dos índios Stoney, com suas máscaras ossudas e fortes. Arthur Lismer se especializou nos barcos de pesca que se vêm nas Províncias Marítimas.

Stephen Leacock é talvez o nome mais conhecido da literatura canadense. É um humorista admirável e as suas *Novelas Insensatas* podem ser colocadas na categoria das obras clássicas. Mazo de la Roche criou uma saga admirável da família de White Oaks e descreve, numa linguagem deliciosa, o regime de vida numa velha residência de Ontario. Audrey Alexandra Brown revela excelentes qualidades, tanto nos seus poemas líricos como nos de simples narração. Marius Barbeau faz desfilar aos nossos olhos cenas vívidas do passado e do presente do Canadá. E há muitos outros excelentes escritores, que estão pintando, em prosa e em poesia, o cenário e a vida canadense.

Os canadenses só dispõem de um teatro permanente, com sede em Toronto, mas o movimento que recebeu o nome de *Teatrinho—Little Theatre*—apoiado pela Liga Dramática do Dominio, está espalhado por todo o país. Os grupos dramáticos



CABEÇA DE UM CHEFE ÍNDIO
Desenho a *crayon* por N. de Grandmaison

levam à cena peças teatrais, escritas e montadas por eles mesmos, e reúnem-se todos os anos para organizar festivais. Algumas das peças canadenses são simplesmente deliciosas e algumas têm uma grande força emocional, como, por exemplo, a de autoria da mulher de um lavrador das pradarias canadenses, descrevendo cenas das secas de Saskatchewan, onde morava a autora, que apresentou a peça ao público, interpretada por ela mesma e sua família. O movimento dramático tende a desenvolver-se e a adquirir uma importância cada vez maior, em todo o Dominio.

6

Há muita coisa a dizer sobre o Dominio do Canadá, que não se pode incluir numa descrição breve como esta. De certo modo, o Canadá é uma terra desconhecida. Os americanos geralmente atravessam a fronteira, no verão, equipados com os seus petrechos de *ski*, mas revelam uma absoluta ignorância sobre os seus vizinhos do norte. Os britânicos parecem pensar que o Canadá consiste apenas

das Montanhas Rochosas e das Irmãs Dionne. É natural que isso aborreça os canadenses, que acham, e com as melhores razões, que os seus vizinhos do sul e os parentes da mãe-pátria deviam andar mais bem informados.

Em parte, as dimensões enormes do **Dominio** são responsáveis por essa ignorância e muita gente pensa no Canadá em termos de uma determinada província, da qual têm algum conhecimento. É preciso tempo para que se tenha noção da variedade de cenários e de tipos que existem dentro da nação canadense. O quasi pavor provocado pela imensidão do **Dominio** também só desaparecerá com o tempo. Os americanos nem sempre sabem que o Canadá é maior do que os Estados Unidos e os britânicos acham difícil conceber o tamanho do Canadá, em proporção à exiguidade do território de suas ilhas.

Nem sempre as estatísticas exprimem grande cousa. Pode-se dizer, por exemplo, que o Canadá é o segundo produtor de ouro do mundo; que a bacia do Rio São Lourenço cobre um território de quasi um milhão e trezentos mil quilômetros quadrados e que esse território contem metade da agua doce do mundo inteiro; podem-se citar algarismos que mudam rapidamente, sobre o comercio de peles, a pesca e a mineração. Mas é o lado romântico do país que inflama a imaginação e eu teria ainda muito a dizer sobre o Canadá, como terra de romance. Gostaria de ter descrito em detalhe o novo Parque Nacional da Columbia Britânica, denominado Posto de Aclimação Tweedsmuir. É um pedaço de terra triangular, com o vértice meridional quasi tocando o Rio Bella Coola e uma area de cerca de um milhão e meio de hectares. Gostaria de ter falado mais nas deliciosas montanhas de Whitesail, na vida selvagem infindável, nos bosques, nos lagos, nos rios e nas suas qualidades repousantes para quem deseje libertar-se da vida agitada das cidades. Deveria ter dito algo sobre Drumheller, em Alberta, onde se vêm os ossos de um dinosauro reconstituído, expostos na encosta de um morro, e onde os troncos das árvores de florestas petrificadas jazem em areiais desolados; e ainda sobre as Ilhas da Rainha Carlota, com a sua tribu de índios—os Haida, homens fortes e altivos—e a baía onde os leões marinhos brincam e procuram peixe; sobre os *maples* e a sangria de seus troncos para produção de açúcar, na primavera; sobre o costume antigo de respeitar as vidas dos porcos-espinhos e dos mergulhões, porque o porco-espinho pode servir de alimento a alguém que se tenha perdido na floresta, enquanto que os guinchos do mergulhão guiam o viajante para algum lago onde encontrará sempre agua fresca para matar a sede; e ainda sobre a emoção de viajar numa canoa inconsistente, enquanto os guias a conduzem com destreza pelas aguas enraivecidas das corredeiras.

Gostaria também de falar nas flores silvestres, nas flores da primavera, que muitas vezes se ocultam sob as folhas mortas, nas florestas orientais do Canadá, e em toda a imensa variedade de flores que há no **Dominio**.

Mas a falta de espaço não me deixa ir alem de uma simples referencia a todas essas cousas e só me resta exprimir a esperança de que muita gente vá procurar tudo isso no próprio Canadá, e também de que cada visitante permaneça perto de algum lago, rio, ou floresta, o tempo suficiente para poder sentir os seus encantos especiais, que só o tempo pode revelar.

e também